

Exemplar 1910

1910

M. Pein

A Situação

Econômica



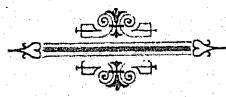
Conferencia realizada
em 26 de Setembro de 1901

— PELO —

Dr. Vieira Souko

*Lente Cathedratico de Economia
Politica e Finanças da Escola Polytechnica
do Rio de Janeiro.*

BIBLIOTECA
DE
ECONOMIA



330,981
V657

EDITOR: L. MALAFAIA JUNIOR
RUA DA ASSEMBLÉA 73, RIO DE JANEIRO

1901

A Conferencia realisada pelo Snr. Dr. Luiz Raphael Vieira Souto, na Escola Polytechnica, a solicitação dos seus alumnos e a titulo de lição repetida; — publicada depois no Correio da Manhã, pelas notas que tomou o pessoal de sua illustrada Redacção; — foi geralmente lida com interesse, acceita com encomios e discutida (discussão que se irradiou d'aqui até os Estados) de modo a constituir-a objecto de particular estudo e meditação. Por esse motivo julgamos de bom alvitre publical-a em opusculo de facil aquisição, o que nos foi gentilmente permittido pelo distincto autor da Conferencia.

E porque tambem nos parecesse digno de associar-se á oração do Snr. Dr. Vieira Souto uma das mais sinceras e vibrantes apreciações que vieram á luz da publicidade nesta Capital,— solicitámos do Exmo. Snr. Dr. Manoel Victorino a competente venia para aqui transcrever, como brilhante Prefacio, o seu esplendido artigo inserto no lugar de honra d'O Paiz, do dia 15 de Outubro deste anno.

O Editor.

Novembro—1901.

Lição de Mestre

Sómente hontem terminou o *Correio da Manhã* a publicação da conferencia realizada na Escola Polytechnica pelo Dr. Vieira Souto. Aquelles que tiveram o prazer de ouvil-o já me haviam annunciado o valor dessê importante trabalho: a leitura, porém, do que foi publicado ficará como um documento vivo da mais alta competencia externada, no juizo o mais completo, sobre os erros e desastres da politica do actual ministro da fazenda.

O illustre professor declara que quasi tudo quanto expõe já o havia dito, analysando o anno passado as medidas praticadas pelo governo. Achava-me então na Europa e não tive a felicidade de ler o que S. Ex. escreveu. Impressiona-me, entretanto, o facto de que as suas advertencias e reflexões, expostas com a autoridade, lucidez e illustração, com que acabam de ser feitas, não tivessem então calado no espirito do ministro. E' preciso convir que só a mais refractaria obstinação poderá resistir á clareza e vigor da argumentação que o distincto economista brasileiro revela nos seus estudos. - Até agora, antes da conferencia

do Dr. Vieira Souto e do conhecimento que vim a ter dos seus artigos anteriormente publicados, persuadia-me que ao espirito do ministro ainda não havia chegado a convicção dos seus erros, por deficiência minha e de outros que contra elles escreviamos e protestavamos.

Hoje, porém, não me resta a minima duvida de que a politica seguida é o fructo da mais vaidosa e injustificavel teimosia, que se tem visto na administração do paiz.

Comprehende-se que um homem que nunca se entregou a estudos economicos, salvo como disciplina intercurrente de uma das escolas que S. Ex. cursou, commetta erros graves, assumindo as responsabilidades de pasta, como a da fazenda, em momento tão difficil e complicado. O que se não percebe é que, tendo a felicidade de ouvir sobre assumpto tão momentoso os conceitos que o seu collega de professorado exarou, tivesse o ministro a velleidade de querer conhecer melhor do que elle a materia, e se dispuzesse voluntariosamente e sem base a abandonar todos os conselhos que lhe foram dados. Não é, pois, um caso de erro ou desvio de entendimento: é uma perversão definida e manifesta da vontade.

Na conferencia do Dr. Vieira Souto não ha sómente uma exposição clarissima e evidente de principios e doutrinas, ha uma numeração completissima de factos que narram, por assim dizer, a historia e a experiencia de todos os povos sobre o assumpto. Poder-se-hia dizer em relação aos principios e doutrinas que

divergencias ainda poderiam surgir; mas ácerca dos factos é tão esmagadora a sua eloquencia que lhes negar o valor, só poderia ser obra de parvos ou de loucos.

A analyse que S. Ex. faz das tentativas de incineração e retirada de papel-moeda e seus effeitos, entre nós, de 1837 a 1839; na Argentina em 1877, sob o governo Avellaneda; na Italia, em 1875; na Russia, em 1864, em 1870 e 1871 e em 1881, deixa a mais profunda convicção da inefficacia desse recurso para a vaio-rização do meio circulante e da sua inteira improficuidade para a conversão ou cessação do curso forçado.

O orador diz que nada sabe de medicina, mas parece-lhe que o antigo processo das sangrias está abolido; e quando o não estivesse, nenhum cirurgião esgotaria o sangue, posto que arruinado, de um individuo, sem ter á disposição outro mais são para inocular-lhe nas veias.

A medicina moderna considera o sangue, mesmo deteriorado, coisa muito preciosa para esbanjar-o, e por isso applica os meios de modifical-o, melhorando-o, sem extrahil-o da circulação.

« Pergunta o orador: ha algum paiz onde se tenha conseguido a abolição do curso forçado por meio de incinerações ou retiradas parciaes do meio circulante? Não; não ha nenhum.»

O estudo minucioso que elle faz dos meios empregados no Estado Oriental em 1870, mediante um emprestimo contrahido com a Ingla-

terra; neste paiz em 1819 quando se decretou a abolição do curso forçado; na França de 1870 a 1876; na Italia, nos ministerios Sella, Minghetti, Magliani; nos Estados Unidos, após a guerra da secessão; na Russia, por diversas vezes, em 1864, 1870, 1871 e 1881, e ainda actualmente pelo ministro Witte, cautelosamente accumulando suas reservas metalicas; tudo quanto detidamente refere o conferencionista é de valor irrecusavel como experiencia e demonstração.

Referindo-se particularmente ao governo russo, diz S. Ex. : «fosse esse governo composto de estadistas soffregos ou inconscientes e a existencia de grande reserva metalica no erario publico tel-o-hia arrastado á retirada immediata de grande mrrsa de papel-moeda, provocando uma desastrada crise de numerario, arruinadora do paiz, ou tel-o-hia seduzido a entrar sem demora no regimen da circulação conversivel, preparando assim um proximo futuro de desillusões, de prejuizos e principalmente de descredito para toda a nação.»

Não nos valem, porém, a historia e re-produção destes exemplos. O ministro na introdução do seu relatorio, insiste, com uma série de contradicções e incoherencias e com as mais extravagantes e curiosas fantasias, em sustentar que aquillo que todos os povos do mundo não conseguiram, elle vai conseguindo realizar.

Antes, porém de gabar as virtudes das suas medidas, que têm contra si a evidencia dos factos, o clamor publico, o testemunho de

todas as classes e profissões, elle, procura salientar-se como o unico estadista que já vio claro nas finanças brasileiras, pois todos quantos o precederam instituíram e perpetuaram um regimen de erros e de crimes : como tal qualifica S. Ex. a providencia dos empréstimos e das emissões.

Diz S. Ex. que escrevendo o seu relatório como ministro da industria e viação suggeriu a idéa do arrendamento das estradas de ferro e do resgate do papel moeda.

Estas idéas eram muito antigas : annos antes já figuravam em um projecto do Sr. Ramiro Barcellos, offerecido á consideração do Senado. Nenhuma originalidade offerecera S. Ex.

Na lei 7 de dezembro de 1897, votada a requisição minha, estava consignada a applicação do producto do arrendamento ao resgate do papel-moeda e da divida externa.

Este plano, diz ainda S. Ex. mallogrou-se: assim foi por culpa inteiramente do ministro que havia commigo collaborado nas medidas decretadas : «A Central, affirma o relatório, esteve exposta em arrendamento durante muitos mezes e a unica proposta que appareceu foi tão ridícula, que nem mereceu ser tomada em consideração.»

O modo pelo qual se conduziu a concorrência ao arrendamento foi o mais inhabil possível.

Além disso, não era simplesmente a Central : eram todas as estradas nacionaes que figuravam nos editaes. Sómente a estes editaes

limitou-se o trabalho do ministro nas praças europeas, e acreditou elle que sem informações, sem esclarecimentos serios, tamanha reputação tinham os proprios nacionaes a arrendar que todo o ouro do mundo viria disputal-os.

De engenheiros estrangeiros que aqui vieram commissionados para estudar as estradas, ouvi eu pessoalmente mais tarde, que pouco haviam colhido de informações e dados e esses mesmos ministrados com evidente má vontade.

Era tão fraco o empenho que se tinha de fazer com estrangeiros essa operação, que, sabendo-se em geral quaes eram os termos ridiculos da proposta apresentada, e o ministro podendo não aceitar-a por ser unica, annullando a concurrencia ou prorogando o prazo, sem abril-a, preferiu expor o proprio nacional ao desastre da offerta, com as luminarias e musicatas da direcção official dessa via-ferrea.

Foi uma felicidade, entretanto, que o arrendamento não se fizesse, se o seu producto havia de ter o destino que tem tido o arrendamento das outras.

Sobre o valor do plano de 1897 era tal a comprehensão que parece possuir o actual ministro da fazenda, que ainda na sua introdução escreve estas palavras : *o governo não repudiou aquelle programma, pois na parte que foi possível executar a lei de 1897 sobre resgate, elle a executou, arrendando as pequenas estradas de ferro, para as quaes se apresentaram propostas razoaveis.*

E' mais uma pilheria da introdução.

Tudo aquillo ou seria a base de uma grande operação, ou não se faria. Esta operação ou seria um arrendamento proveitoso que daria os elementos para o resgate, com o *pagamento ou a substituição do meio circulante resgatado*, ou forneceria com a sua habil exploração as garantias de um emprestimo que manteria, com as reservas de ouro e prata introduzidas no paiz, um cambio nunca inferior a 14, com o qual as rendas da Nação davam de sobra para pagar os seus compromissos, sem produzir esse vasio circulatorio e economico que a incineração e o exagero de impostos determinaram. Ao cambio de 14, o regimen da prata podia ser introduzido, como se fez no Mexico, no Japão, no Perú, e esse regimen daria muito maior fixidez ao valor da moeda, do que as medidas que S. Ex. adoptou e cuja applicação tem produzido as maiores fluctuações de que ha memoria em nosso mercado de cambios. Além disso, por meio da prata é que poderíamos chegar, como nos paizes a que alludi, á conversão em ouro.

S. Ex. tem tal horror aos emprestimos que considera *heresia financeira se suppor que os governos possam ter outra fonte de recursos a não ser o imposto ; ignorando que um emprestimo é simplesmente um adiantamento de impostos, que têm de ser cobrados para o pagamento dos seus juros e amortizações; que os recursos provenientes do arrendamento de uma estrada de ferro nacional são simplesmente os juros de capitaes oriundos de impostos que*

foram cobrados para sua construcção ; e que, finalmente, os recursos fornecidos pelo pagamento das dividas dos institutos bancarios são valores emprestados aos bancos pelo governo, que os teve ainda por meio de impostos.

Esta curiosa theoria pecca pela base : preferir a venda de uma estrada ou a cobrança de uma divida bancari, como recurso do theouro, ao lançamento de novo imposto, nunca foi heresia scientifica, ainda que ambas as coisas possam provir de impostos anteriormente cobrados ; o imposto arrecadado e apropriado pela riqueza nacional já não é mais imposto, não pesa mais sobre ninguem, não affecta mais nenhuma fórma de trabalho ou de capital ; os juros e amortizações futuras tambem ainda não são impostos e podem provir de empréstimos taes, que por sua applicação gerem riquezas que em vez de augmental-os venham a allivial-os.

Magliani, como diz o illustrado conferencionista, que em 1881 realizava um empréstimo exterior de 644 milhões de liras, para extinguir o curso forçado na Italia, começara o seu plano pedindo um anno antes *uma redução nas taxas que oneravam a industria e o trabalho nacional*, propondo, de accôrdo com estas idéas, que se extinguisse o imposto sobre a moagem do trigo que se elevava a 50 milhões de liras.

O interessante é que o actual ministro das finanças, que tão avesso se mostra aos empréstimos feitos pelos seus antecessores, começa por um empréstimo, o *funding-loan*, e acaba por outro, o do *sinking-fund* para o resgate

das estradas garantidas e das quaes apenas duas precisavam ser encampadas. E o que ainda torna a coisa mais singular é que de todos os empréstimos existentes são estes os mais onerosos, pelo typo dos juros e pelas garantias estipuladas.

Ou terá S. Ex. encontrado na fertilidade de suas theorias algum meio de provar que estas duas operações, a da emissão dos titulos da moratoria, e a da emissão dos titulos de resgate, não são empréstimos? E' bem possivel.

MANOEL VICTORINO.

A Situação Economica

Conferencia realizada pelo Dr. Vieira Souto em
28 de Setembro de 1901

O orador foi convidado pelos alumnos de Economia Politica, para repetir uma lição, que fez ha dias no curso da Escola Polytechnica, relativamente á crise economica que estamos atravessando. Aceitou sem exitar porque, além de ser para elle uma prova de apreço de seus discipulos, o convite revela que a mocidade culta, intelligente e laboriosa da geração actual, não é indifferente ás graves questões sociaes, á solução dos grandes problemas economicos que affectam profundamente o presente e futuro da nossa patria, sua força, e quasi se póde dizer, sua integridade.

Dois dias antes daquella lição o orador tinha tratado, em aula, da theoria da moeda, que termina pelo estudo dos signaes representativos, d'entre os quaes sobresae por sua importancia o papel moeda. O orador julgou então que era seu rigoroso dever de professor fazer algumas considerações sobre esta crise que nos opprime e nos está matando a fogo lento ; tanto mais quanto, muitas pessoas têm entendido

que é o excesso de papel moeda a causa dessa crise, que só o papel-moeda origina as grandes crises economicas e que, portanto, a retirada ou queima do papel-moeda, por pequenas ou grandes parcellas, só pôde produzir beneficios e deve ser realisada, *custe o que custar*.

E' pois, do papel-moeda e da crise, que o orador volta hoje a occupar-se, tratando o assumpto sob o triplice aspecto das causas, effeitos e remedios.

Foi em 1808 que veio para o Brasil a corte portugueza e foi nesse mesmo anno que, por decreto de 12 de outubro, ella promoveu a creação do primitivo Banco do Brasil, do qual a Nação se fez mais tarde accionista. Emittiu esse Banco cédulas pagaveis ao portador e á vista, denominadas *notas promissorias*; mas, já desde aquella época o governo se acostumára a fazer *caixa commum* com o Banco do Brasil, para resolver os seus apuros financeiros, e sabe-se que esse costume continuou até nossos dias. Em 1821 retirou-se do Brasil D. João VI, e por tal fórma havia elle desfalcado as reservas metalicas destinadas ao pagamento das notas promissorias, que na impossibilidade de restituir as sommas que tomára por emprestimo, o governo portuguez resolveu a questão dando áquellas notas o curso forçado, convertendo-as assim, de moeda-papel em papel-moeda. Já se vê que ha oitenta annos completos que o Brasil vive no regimen do curso forçado; e quando se lhe increpar de ter adoptado ou iniciado no paiz o papel-moeda, elle poderá responder: *Non natus eram*. O Brasil livre, independente,

ainda não era nascido, e onde não ha liberdade, não pôde haver responsabilidade.

Veiu logo após a independencia do imperio e com ella o acrescimo de despezas que acarreta toda a mudança de regimen politico. A situação financeira do paiz piorou, o Banco, até 1828, «continuou a fazer ao governo avultados avanços» effectuados por meio de novas emissões de papel, e, em 1829, o legislador brasileiro occupou-se do assumpto, sendo votada e promulgada a lei de 23 de Setembro de 1829 que comprehendia tres providencias: 1^a liquidar o Banco do Brasil; 2^a assumir a Nação a responsabilidade das notas emittidas pelo Banco; 3^a amortizar annualmente 5 % dessas notas.

Por uma especie de pudor que manifestam sempre os poderes publicos quando lançam na circulação o papel moeda, ou quando assumem a responsabilidade do que foi emittido por instituições particulares, a lei declarava desde logo que o papel seria annualmente amortizado.— A liquidação do Banco foi difficil e morosa; só ficando concluida em 1835. A importancia total das notas promissorias era de 11.400:000\$ em 1821, elevando-se d'ahi até 1826 a 13.400:000\$ e a 19.175:000\$ em 1829, quando foi decretada a liquidação do Banco. Em 24 de Dezembro de 1835, ao declarar o governo que assumia a responsabilidade das notas emittidas pelo Banco liquidado, o papel-moeda attingia a somma de 35.000:000\$, parte da qual proviera do resgate e substituição do cobre em circulação. Foi assim que se verificou a amortisação do papel-moeda, promettida na lei de 1829.

Mas, no interregno da liquidação do Banco, deram-se no Brasil graves perturbações politicas, especialmente em 1831. A situação financeira e a economica continuavam a peiorar; o ouro que tinhamos, e que já era pouco, continuava a escoar-se para a Europa em pagamento dos *deficits* do balanço do commercio internacional, e o cambio baixava de anno para anno. Para conjurar tantos males, o poder legislativo estudou diversos alvitres, preferindo d'entre elles o de quebrar o padrão monetario, que pelo regimen portuguez era de 1\$600 por oitava de ouro, elevando este valor a 2\$500, o que se fez pela lei de 1833. Chamou-se a isto *valorisar a moeda e harmonisar o valor do papel com o da moeda metalica*.

Porém, apesar do disposto na lei de 1833, o ouro continuou a escoar-se do mercado e o cambio continuou a descer, e, em 1846, o legislador brasileiro julgou necessario sanar o mal, quebrando novamente o padrão. Na opinião de muitos, o ouro continuava a sahir do paiz, porque não estava bem apreciado no nosso systema monetario; era preciso elevar de novo o valor da oitava, de 2\$500 a 4\$000, e a lei, promulgada n'esse anno, obedecendo a este *criterium*, quebrava outra vez o padrão e estabelecia a referida elevação.

Estas duas quebras do padrão monetario brasileiro representam o primeiro erro que commetemos no intuito de evitar a fuga do metal existente no mercado, attrahir o ouro dos paizes estrangeiros, valorisar o papel moeda e elevar a taxa cambial. Não carece demorar-se

o orador na demonstração de semelhante erro; todos comprehendem que a mudança da denominação dada á oitava de ouro no nosso regimen monetario, não podia alterar-lhe o valor real. Si amanhã esta Escola, em vez de Polytechnica, passar a denominar-se Escola de Engenharia, nem a capacidade dos lentes, nem o aproveitamento dos alumnos, nem o merecimento dos titulos, que ella expede, ficarão valendo mais.

No seguinte quadro (que o orador escreve na pedra) estão mencionados os elementos que esclarecem a questão.

Epocas.....	Antes de 1833	Dep. de 1833	Dep. de 1846
Padrões....	1 oit ^a = 1\$600	1 oit ^a = 2\$500	1 oit ^a = 4\$000
Unidade monetaria...	1\$ = 2, gr 24	1\$ = 1, gr. 43	1\$ = 0, gr 89
Cambio par	1\$ = 67, d 9	1\$ = 43, d	2 1\$ = 27 d

Vê-se neste quadro que o legislador brasileiro pretendendo valorisar a nossa moeda e harmonisar o curso do papel com o da moeda metallica, não valorisava e não harmonisava cousa nenhuma; corria atraz de uma chimera, exactamente como o individuo que corresse atraz da propria sombra pretendendo alcançal-a. Em 1833, quando a oitava de ouro valia 1\$600, era preciso dar, em media, 2\$500 de papel para compral-a; mas, tão depressa se elevou a denominação da oitava para 2\$500, foi preciso dar cerca de 4\$000 para adquiril-a, e, quando novamente se elevou a oitava a 4\$000, foi preciso dar cerca de 6\$000 de papel.

A razão d'isto ahi está no quadro; quando a oitava valia 1\$600, a unidade monetaria *mil réis* representava 2, gr 24 e o cambio par com a moeda esterlina era de 67 d., 9, o que significa que 1\$ brasileiro continha tanto ouro fino quanto 67 d., 9; quando a oitava passou a valer 2\$500, a unidade *mil réis* representava apenas 1 gr. 43 e o cambio par baixava a 43 d., 2 porque então o mil réis só continha tanto ouro quanto 43 d., 2; e finalmente, quando a oitava foi elevada a 4\$000 o cambio par baixou a 27 d. porque o mil réis brasileiro continha unicamente 0 gr, 89, peso de ouro correspondente ao que se contem em 27 d.

A' medida que o *valor nominal* da oitava de ouro era elevado, o *intrinseco ou real* da unidade mil réis ficava proporcionalmente reduzido. Eis ahi tudo.

Mas, a lei de 1846 continha uma segunda parte que auctorisava o governo a retirar annualmente da circulação a quantia conveniente de papel-moeda, para elevar o cambio ao par e n'elle conserval-o.

Assim, o legislador brasileiro entendia n'aquella época que é sempre possivel elevar o cambio ao par, por meio de retiradas parciaes de papel-moeda; que este papel é sempre excessivo; que a sua amortisação é sempre um beneficio, quaesquer que sejam as condições economicas do paiz, porque elevando o cambio ao par, a moeda metalica não sahe do mercado, o ouro estrangeiro afflue para elle e o curso forçado póde ser abolido.

Este foi o segundo erro commettido no assumpto de que se occupou o orador. Aliás a mesma idéa já se havia manifestado anteriormente a 1846, como se verá, e continuou a manifestar-se com intervalos até os ncsos dias, podendo-se mesmo afirmar que hoje com mais força do que nunca.

O orador vae, pois, demonstrar este erro, considerando a questão por todas as suas faces.

Pretende-se explicar a crise actual pela existencia de papel-moeda em excesso. Ainda mais: pretende-se que essa tem sido a causa das grandes crises economicas por toda a parte. Si tal razão tivesse fundamento, como conceber as horrorosas crises de 1825 e 1847 na Inglaterra, as de 1837 e 1857 nos Estados Unidos e tantas outras, sabendo-se que naquelles paizes e épocas não existia o papel-moeda? Identicamente, como conceber que tendo o papel-moeda no Brasil começado a avolumar-se com as emissões de 1890, rapidamente accrescidas, até que o numerario em circulação attingiu o maximo de quasi 800.000:000\$, a crise não explodiu nessa occasião, apesar da revolta do porto do Rio de Janeiro que aggravava a situação, limitando-se a fazer descer a taxa cambial a 9 d., e só em setembro de 1900, isto é, seis e meio annos depois, veio a produzir aquelle desastroso resultado, quando a circulação já havia sido reduzida a 700.000:000\$ de papel? Porque tão lento e tão contradictorio effeito do veneno?

Temos excesso de numerario, temos excesso de papel-moeda, e é isso o que nos arruina.

Todos os dias ouve-se este estribilio e no mesmo tom se tem escripto para os jornaes europeus que, recebendo taes informações e nada conhecendo da verdadeira situação economica em que se acha o Brasil, muito logicamente opinam : o que o Brasil precisa é retirar da circulação o excesso de papel-moeda.

Senhores, tudo o que é excessivo é mau. Não ha uma coisa boa, de que se faça uso, e da qual abusando, não resulte um mal. A liberdade em excesso, degenera em anarchia ; a religião em excesso, converte-se em fanatismo ; o excesso de estudo, acarreta a enfermidade ; o excesso da economia, gera a avareza. O excesso de papel-moeda, não poderia escapar á lei commum.

Partindo de uma permissa falsa, só se póde chegar a uma falsa conclusão. O syllogismo empregado é este :

O papel moeda no Brasil é excessivo ;

Ora o papel moeda em excesso é pernicioso ;

Logo, é preciso diminuir a quantidade de papel.

Porém não basta affirmar dogmaticamente que ha excesso ; quando se trata de quantidade, (e o numerario é uma quantidade economica) a noção de excesso não é vaga, carece ser determinada, e para determiná-la é preciso tomar um termo de comparação e fazer um confronto. Considerada abstractamente, nenhuma quantidade é excessiva nem sufficiente. Na especie de que se occupa o orador, o excesso é relativo á intensidade das necessidades de numerario. A

moeda, seja de metal ou de papel, é um valor e, como tal, sujeita á lei geral da offerta e da procura, reguladora de todos os valores; a offerta sendo representada pela quantidade de moeda disponível e a procura pelas necessidades da circulação. Pergunta-se agora: considerando-se esses dois termos fundamentaes da questão, o papel moeda que hoje possui o Brasil é excessivo, ou apenas sufficiente ou mesmo insufficiente? Para que o auditorio ajuize por si e formule a resposta, vae o orador estabelecer a largos traços a theoria da *quantidade necessaria* de numerario.

A quantidade de moeda, de que precisa um paiz para satisfazer as transacções, quer de interesse individual ou domestico, quer de ordem commercial ou industrial, é variavel com o espaço e o tempo; com o espaço, porque na mesma época varia de um para outro paiz; com o tempo, porque no mesmo paiz varia de uma para outra época. Esta variação é influenciada por diversos elementos, sendo os principaes: 1º o maior ou menor desenvolvimento do credito, uma vez que este, sob certos pontos de vista, supprime a moeda; 2º o gráo de actividade da circulação, porquanto em uma circulação mais activa a mesma peça de moeda serve em maior numero de transacções em um determinado tempo; 3º a extensão do paiz e os seus meios de transporte, porque a moeda emquanto em viagem conserva-se inactiva e arredada da circulação; 4º a quantidade e disseminação das instituições de credito popular, que recolhem por toda a parte as pequenas economias, á medi-

da que se vão formando, e as fazem reverter á circulação, dando-lhes applicações reproductivas. Mas, quasquer que sejam estas condições, si se considera uma certa nação em uma certa época, ha uma unica quantidade que é para ella a necessaria ou conveniente. *A priori* não se pôde bem determinar qual seja tal quantidade, pela difficuldade de apreciar na justa medida a influencia de cada um dos elementos que o orador acabou de citar; porém, na pratica a determinação é facil porque, si o numerario exceder ao necessario, verificar-se-hão perturbações economicas de certa ordem, e se fôr insufficiente, manifestar-se-hão perturbações ainda mais graves, em sentido diametralmente opposto.

E notai bem, acrescenta o orador, que estes phenomenos são *infalliveis* e que elles se applicam tanto na hypothese de uma circulação exclusivamente metalica, como na de uma circulação constituida unicamente por papel-moeda, ou ainda na de uma circulação mixta, de metal e papel-moeda.

Assim, supponha-se que o Brasil está sob o regimen exclusivo da moeda metalica e que, para satisfazer as transações de interesses individuaes e commerciaes elle necessita 200.000 contos de moeda. Supponha-se mais, que possuindo a circulação exactamente esta somma, pcr meio da qual se mantém em equilibrio, o governo faz cunhar e lançar no mercado outros 200.000 contos de moeda, servindo-se das barras em ouro, que por hypothese, existem no erario publico. Que acontecerá? A moeda

tornar-se-ha mais offerecida do que procurada. mais abundante do que necessaria ás transacções normaes. Os individuos, sentindo-se mais felgados, augmentarão seus consumos; os preços das mercadorias, sob a influencia d'este accrescimo de procura, elevar-se-hão; as industrias do paiz impellidas pelo augmento de actividade commercial, entrarão a desenvolver suas producções, augmentando o pessoal, e esta maior procura de serviços fará subir os salarios; o dinheiro excedente e inactivo affluirá aos bancos, que, para dar-lhé applicação, baixarão a taxa de desconto e por sua vez pagarão menor juro pelos depositos; as apolices e as acções de companhias começarão a ser mais cobiçadas; em uma palavra, a circulação, que era normal, desequilibra-se; dá-se a alta de preços de todas as mercadorias e serviços, o maior apreço de todos os títulos e valores, e só uma cousa se desprecia — o dinheiro. Mas o desequilibrio economico de uma nação não póde permanecer indefinidamente. Uma parte dos capitaes disponiveis acaba de achar applicação no desenvolvimento adquirido pelo commercio e industria; outra parte emigra para paizes onde o dinheiro, sendo menos abundante e mais apreciado, obtém maior remuneração. Sob esta dupla influencia, de accrescimo da procura de moeda, para o primeiro fim, e reducção da offerta, para o segundo, o equilibrio da circulação se restabelece, ainda que em um nivel differente do primitivo.

Si a circulação normal do paiz, sendo de 200.000 contos de moeda metalica, o governo nella lançasse outros 200.000 superfluos, não

mais da mesma especie, porém de papel moeda, que succederia? Exactamente os mesmos phenomenos de alta de todas as coisas e serviços e baixa do valor do dinheiro, porque tanto é dinheiro o ouro como a moeda de papel. Sómente no restabelecimento do equilibrio, verificar-se-ia o principio de Gresham, segundo o qual a co-existencia de duas moedas em um mercado, sendo uma boa e outra má, dá logar á sahida da boa e á conservação da má. Os capitaes, que houvessem de emigrar em procura de melhor remuneração, seriam exclusivamente formados de moeda metalica, uma vez que o curso forçado não póde obrigar a accettazione do papel moeda em paizes estrangeiros. A tendencia seria, pois, para a substituição dos 200.000 contos de ouro que existiam, pelos 200.000 contos superfluos, de papel recentemente emittidos.

Si
caudi
inoria,
que no
im paye
de uai
ere haido
mesma
plait os
lin da ser
an consue
mesmo
tanto o
ahenficar
ingalt ca
aig as
pay qu
nuas

Si a circulação normal considerada fosse de 200.000 contos de papel moeda e o accrescimo, lançado pelo governo, de outros 200.000, também de papel, ainda os phenomenos seriam os mesmos, differindo apenas o modo de restabelecimento do equilibrio, que seria mais difficil e moroso. A absoluta falta de ouro no mercado embarçaria a emigração do excesso de capitaes e o equilibrio se verificaria a passo lento pelo encarecimento da vida e pelo desenvolvimento da producção, ambos tendendo a augmentar a procura de dinheiro, para satisfazer maiores necessidades individuaes ou industriaes.

Imagine-se agora a hypothese contraria. Em uma circulação de 200.000 contos ouro, que é a necessaria ao movimento economico normal,

as urgencias do Estado, ou o *deficit* do balanço do commercio internacional, determinam a retirada de 100.000 contos que sahem do paiz. Que acontecerá? O dinheiro ficando escasso, cada individuo o apreciará mais, reduzirá os seus consumos e procurará dal-o, na menor quantidade possivel, em troca das mercadorias e serviços de que precisar; os preços e salarios soffrerão, portanto, uma baixa sensivel; as entradas dos depositos nos bancos ficarão reduzidas e as retiradas serão mais avultadas; o juro do dinheiro subirá e conjunctamente se elevará nos bancos a taxa dos descontos. Todo o mechanismo da vida economica soffrerá profundo abalo. Mas o desequilibrio não poderá perdurar por longo prazo e ordinariamente se restabelecerá, ou por meio do credito publico, effectuando o governo um emprestimo no exterior, ou pela natural entrada de capitaes estrangeiros, attrahidos pela ambição de aproveitarem no paiz uma remuneração mais alta do que encontram fóra delle.

Si a circulação normal fôr de 200.000 contos de papel e o governo, por meio de retiradas parciaes, reduzil-a sensivelmente, os mesmos phenomenos se realizarão, porque os effectos da escasscz do numerario, que é o instrumento indispensavel da actividade economica, se farão sentir no mesmo sentido e com a mesma força. Sómente differirá o modo de restabelecimento do equilibrio, porque, em regra, não se observará a entrada de moeda estrangeira, pe-la falta de confiança que inspira um paiz que vive exclusivamente sob o regimen do papel moeda e tambem, em regra, o credito publico ficará

*o credito
melhorado*

abalado, não permitindo ao governo a realização de empréstimos no exterior. O equilíbrio, portanto, só poderá reaparecer por duas formas: ou o governo arrepende-se e restitue á circulação o que lhe retirou imprudentemente, como se tem feito numerosas vezes em diversos paizes, inclusivé o nosso; ou o governo persevera no erro, as dificuldades augmentam dia a dia, os preços baixam até um nivel inferior ao custo da producção, o commercio paralysa-se, tudo emfim se abate e empobrece, tudo definha e retrocede, e assim diminuindo a necessidade e a procura de numerario, chega o momento em que o equilibrio se restabelece em nivel muito inferior ao preexistente, mas neste caso é o equilibrio da miseria, da destruição e da morte.

Eis ahí, senhores, a theoria da quantidade de moeda, como a estabelecem os mais preclaros economistas. E agora que o orador julga ter traçado com claresa os preceitos reguladores da circulação economica, digam os homens de boa fé, si os phenomenos, que estamos observando ha mais de um anno em todo o Brasil, são os que traduzem a abundancia de numerario, como pretendem alguns, ou, ao contrario, os que representam de modo inilludivel a extrema insufficiencia de dinheiro.

Apezar da precisão dos principios scientificos e da evidencia dos factos que todos estamos presenciando, continua-se a afirmar que o excesso de papel moeda é a causa da crise actual.

O orador passa a rebater por outra fórma esta preposição.

Compara
o
Capital
e
numeração

Como se originou a crise? Vae dizel-o resumidamente, porque trata-se de acontecimentos recentes, que ainda estão na memoria de todos.

Ao começar o anno de 1898, a situação economica do Brasil, se não era de franca prosperidade, era boa. Commercio, lavoura e industria viviam satisfeitos, não obstante a taxa cambial conservar-se baixa. A situação financeira, porém, era pessima, principalmente em consequencia dos successivos *deficits* orçamentarios. Prevendo a impossibilidade de pagarmos durante algum tempo os juros da divida externa, o governo celebrou em 15 de junho desse anno o accordo do *funding-loan*, pelo qual ficara adiada por longo praso a amortização dos titulos daquella divida, e, por tres annos, o pagamento dos respectivos juros, que seriam satisfeitos em titulos do *funding*. Feito o calculo dos juros adiados, achou-se que importariam em 8.700.000 libras esterlinas, e como, em virtude do accordo, o governo ficava livre da necessidade de comprar cambias no nosso mercado durante tres annos, acreditou-se que a taxa do cambio subiria extraordinariamente, de sorte que, a mencionada somma esterlina calculada ao cambio de 18 dinheiros, que foi o convenionado, equivaleria a 115.000:000\$ papel. Porém, o credor inglez era bastante intelligente para não dar ao governo brasileiro esta folga, deixando-lhe a liberdade de novos esbanjamentos, e nessas condições estabeleceu que aquella quantia seria incinerada, para diminuir o *excesso* de papel, ou depositada em bancos

estrangeiros, ou remetida para a Inglaterra, em ouro, se o cambio favorecesse. Governo e Congresso entenderam que a incineração dos 115.000 contos era o melhor alvitre e o adoptaram.

Começando e proseguindo as incinerações de papel moeda, a situação da praça foi-se tornando cada vez mais tensa. Diminuiam as entradas, aumentando ao mesmo tempo as retiradas de depositos nos bancos, para supprir a falta de numerario geralmente sentida no commercio e porque esta falta proporcionava innumerables applicações rendosas aos capitães disponiveis. A medida que empobreciam as caixas dos bancos, estes restringiam os descontos, o que obrigava muitos depositantes a augmentarem suas retiradas. O Banco da Republica, que era o principal dos nossos institutos de credito, foi o primeiro a sentir os effeitos d'esta situação apertada e como, por um costume tradicional, ora o Banco amparava o Thesouro, ora por elle era amparado, a administração do estabelecimento recorreu ao Governo, pedindo-lhe um auxilio pecuniario, sob a garantia dos titulos de sua carteira. O Governo attendeu ao pedido, porém, considerando que o papel moeda era *excessivo* e devia ser queimado, preferiu entregar alguns centos de mil libras esterlinas. O Banco não podendo pagar n'esta especie, procurou vender o ouro, e os institutos de credito estrangeiros, percebendo a situação, elevaram logo a taxa cambial e compraram por menos o que o Banco da Republica adquirira por mais.

O auxilio em ouro, transformado em papel, foi-se escoando dos cofres bancarios, pois que as incinerações e a falta de numerario continuavam; de sorte que, em julho, a administração voltou a pedir segundo auxilio ao Governo, que de novo o concedeu em ouro, e de novo os bancos estrangeiros elevaram rapidamente a taxa até 14 1/2 dinheiros, comprando aquelle ouro em condições muito mais vantajosas do que fôra obuido por emprestimo.

As circumstancias apertadas do Bancos tornavam-se cada vez mais conhecidas, as operações de desconto cada vez mais raras e a falta de dinheiro cada dia mais acentuada. Pela terceira vez voltou a administração ao governo, mas, então, pedindo o auxilio em papel, para evitar a repetição dos prejuizos que soffrera com as anteriores transformações da moeda esterlina em dinheiro nacional. O governo, insistiu em só emprestar ouro; o Banco, em só aceitar papel, e, não podendo este ultimo vencer a resistencia do primeiro, a administração resolveu retirar-se, nomeando-se um director da confiança do Thesouro. Divulgado o facto, o Banco soffreu uma corrida; em poucas horas os seus parcos recursos foram esgotados e o novo director ordenou que os cheques fossem visados a 60 dias. Ora, quando uma instituição de credito inopinadamente começa a visar cheques, pagaveis ao portador e á vista, adiando o pagamento por dois mezes, isto equivale a uma bancarrota.

O golpe repercutiu sobre os restantes Bancos nacionaes que tambem, em geral, não puderam resistir-lhe. Era a explosão da crise,

era a morte do credito que hoje, após 12 1/2 mezes, ainda não pode resnascer.

A origem da crise foi, pois, a idéa. fixa de que temos excesso de numerario, que convem incinerar, porque essa incineração não póde produzir senão grandes beneficios e constitue o meio seguro e unico de elevar a taxa cambial.

E' singular a obstinação com que, contra todos os principios theoreticos e exemplos fornecidos pela pratica, se estabelece uma dependencia forçada, absoluta entre o cambio e a quantidade de papel moeda. Para explicar essa dependencia chegou-se a inventar uma formula. Senhores, quando virdes uma formula pretendendo representar qualquer phenomeno social, podeis regeital-a sem exame. Os factos sociaes são extremamente complexos, influenciados por causas numerosas que actuam muitas vezes em sentidos contrarios, de fórma que é impossivel exprimir taes influencias por caracteres algebricos. O elemento primordial da sociedade é o homem, ser intelligente, porém voluntario; caprichoso, apaixonado, rebelde, emfim, a normas inflexiveis, e cujos actos repellem a expressão mathematica.

Na formula em questão, a taxa cambial é dada pela relação entre o valor da exportação em ouro e a quantidade de papel moeda; são esses os dois unicos elementos considerados. De sorte que, se em um anno o Brasil importar cinquenta mil contos de mercadorias estrangeiras, e no anno seguinte quatrocentos mil, isto não influirá no cambio, porque importação não é exportação nem papel moeda. Se em um

anno o governo brasileiro realizar na Europa um emprestimo esterlino e o respectivo producto for remettido para o paiz, semelhante remessa não influirá no cambio, porque emprestimo não é exportação nem papel-moeda.

Tomando por base essa formula, argumentou-se assim: para augmentar o quociente de uma divisão é necessario augmentar o dividendo ou diminuir o divisor; ora não depende da vontade do Brasil augmentar o valor da sua exportação (proposição muito contestavel;) logo, é indispensavel reduzir o papel moeda, para que o cambio se eleve.

O orador vaedemonstrar, sobo duplo ponto de vista theorico e pratico, quanto é falsa esta idéa de que a taxa cambial depende forçosamente da quantidade de papel-moeda.

Nas sociedades civilisadas, a moeda é o intermediario das trocas e nessa qualidade exerce duas funcções principaes: facilita as trocas e mede os valores trocados. Porém, ambas as funcções são preenchidas em duas condições differentes: nas trocas nacionaes, e nas internacionaes.

Se um povo civilisado podesse viver segregado da communhão dos outros povos e dispensar o concurso economico de todos elles na satisfação de suas necessidades, o papel moeda seria uma boa moeda e nem de outra se precisaria para os fins que preenche o numerario. Não havendo trocas internacionaes, não haveria cambio de moedas. Mas os povos civilisados têm necessidades numerosissimas a satisfazer e cada paiz possui producções especiaes, o que

obriga a uma reciproca dependencia economica entre as nações. Mesmo neste caso de dependencia, se um paiz pudesse sempre vender mais aos outros, do que lhes compra ; se pudesse garantir-se de ter sempre maiores sommas a receber, do que a remetter para o exterior, tambem o papel moeda não offereceria inconvenientes, porque não havendo necessidade de remetter moeda para fora do territorio nacional, ninguem a procuraria com empenho. Não se procura o que não se precisa e não se paga agio ou premio pelo que não se procura. Porém as vicissitudes do commercio internacional não permitem que semelhante hypothese se realize permanentemente. A propria Inglaterra que de ordinario vê avultarem as entradas annuaes de moeda, em consequencia do rendimento dos capitães inglezes espalhados por todo o mundo, e os Estados Unidos que em geral, pelo excessão consideravel das exportações sobre as importações, registra saldos a seu favor no balanço dos creditos e debitos internacionaes, nem mesmo esses paizes estão livres de um movimento excepcional em sentido contrario, determinando maiores quantias a pagar do que a receber.

Ora, todas as vezes que os debitos excedem os creditos, os saldos têm de ser pagos em moeda ao povo credor e o devedor procura com empenho as letras de cambio e a moeda metalica para aquelle fim. Esta moeda em tal caso não é então desejada como simples intermediario das trocas, que tem por objecto facilitar-as e medir os valores trocados ; ella é procurada com empenho, pelo seu *valor intrinseco*, como *metal*

precioso, como uma *mercadoria especial* que, sendo apreciada por todo o mundo, é a única capaz de ser recebida pelo estrangeiro em pagamento de dividas.. Comprehende-se que, se uma nação está sob o regimen do papel moeda e possui pouca moeda metalica no mercado, é necessario dar, para obtel-a, uma somma de papel mais elevada, tanto mais elevada quanto maior fôr a intensidade com que actue aquella necessidade, o que faz apparecer ou crescer o agio do ouro sobre o papel moeda. E se a nação considerada não possui absolutamente nenhum ouro no mercado, como ora nos succede, os que tem mais urgencia de pagar as suas dividas no exterior, disputam entre si, com ardor, a aquisição das cambias, que representam moeda metalica, e dão por ellas tanto maior quantidade de papel, quanto maior é a relação entre os grandes debitos e os pequenos creditos.

Já se vê, senhores, que o que determina o agio não é a existencia de papel moeda, é a existencia de maiores debitos do que creditos internacionais. Enquanto uma nação tem mais a receber das outras, do que a pagar-lhes, o agio não apparece e o cambio não vae abaixo do par, ainda que ella esteja sob o regimen do papel moeda, podendo até o papel subir além do par e obter agio sobre o ouro.

Isto que o orador acaba de expender, que representa a sã doutrina estabelecida pelos tradistas, d'entre os quaes se destaca o nome de Goschen (*Tratado dos cambios estrangeiros*) pelo seu alto merecimento na especialidade, tem sido plenamente confirmado em todas as

Alinal d o
papel moeda
seguem entre
do par de
moeda metal
a variaçã
do cambio de
um limite. qu
o qual pont
é sabido de
de um par
par, de um
o aumento
do meio circula
do 1º e o excess
do 2º, ~~100~~
provoca o
estabelecimto
situaçãõ
circulaçãõ
motivos agio
a 11 e 13
moeda do a
Lajes Vermelha
Lajes

épocas pela pratica de *todos os países*, que possuem ou têm possuido o papel-moeda.

E' o que o orador teve occasião de provar o anno passado em uma serie de artigos que publiccu na *Imprensa*, quando explodiu a crise, apresentando a estatistica das variações do cambio em relação ás quantidades de papel moeda, na Austria, na Russia, França, Inglaterra, Estados Unidos, Italia, Argentina e Brasil. Em todas estas nações verifica-se pela estatistica que numerosissimas vezes o cambio sobe quando augmenta o papel-moeda e desce quando elle diminue.

Na estatistica relativa ao Brasil, este facto apparece trinta e duas vezes.

Não póde o orador lêr todas essas tabellas aqui, mas não resiste ao desejo de mencionar, como exemplos, alguns dos factos mais caracteristicos. Assim, a Russia em 1864 retira da circulação 55 milhões de rublos de papel, e o agio sobe 13 %; de 1864 a 1874 augmenta de 152 milhões de rublos e o agio diminue 1 %; de 1878 a 1881 augmenta de 343 milhões de rublos e o agio diminue 2 %!

A Austria em 1851 reduz a circulação do papel-moeda, de 40 milhões de florins, e o agio sobe de 19,8 a 26 %; em 1855 o *deficit* deixado pela guerra de 1854 obriga o governo a elevar a emissão até 377 milhões e o agio desce a 20 %; em 1873 a emissão attinge o maximo de 702 milhões e o agio attinge o minimo de 8 %!

Nos Estados Unidos em 1778 a emissão era de 30 milhões de dollars e o agio de 500 %;

no anno seguinte a emissão sóbe a 45 milhões e o agio desce a 300 %. De 1862 a 1874 a emissão soffre o augmento de 271 milhões de dollars e o agio (em relação á prata) desce de 104 a 12 %!

No Brasil em 1868 o papel emittido representava o valor de 124 mil contos e o agio medió foi de 58,8 %; no anno seguinte a emissão eleva-se a 183 mil contos e o agio desce a 42 %; em 1873 a emissão recebe novo accrescimo, chegando a 185 mil contos e o agio desce de 42 a 3 %! Em 1877 a circulação é reduzida a 179 mil contos e o agio sobe a 11 %. De 1868 a 1888 a circulação eleva-se de 124 a 205 mil contos e o agio desce de 58 % a *zero*! Ainda mais: nesse anno a taxa cambial sobe além de 27 d., como já havia succedido de 1850-57, em 1860, 1862, 1863, 1873 e 1875, e como succedeu em 1889, o que significa que era o papel-moeda que gosava de agio ou premio e que para ter-se 100\$ desse papel era preciso pagar mais de 100\$ em ouro!

Não se diga, pois, repete o orador, que o papel-moeda influe forçosamente sobre o cambio e que a taxa cambial se aggrava na razão directa da quantidade desse papel. E' um erro crasso.

O orador vae ao encontro de uma objecção que póde ser-lhe feita, porque já uma vez a fizeram. Tem-se dito: tão certo é que no excesso de papel-moeda está a origem da crise e que esse excesso é a causa de todos os males sociais que nos affligem, que ainda estão gravados na mente de todos os brasileiros os desastres

ocasionados pelas estupendas emissões de 1890 a 1894.

Senhores, quando se menciona um facto para justificar ou exemplificar uma doutrina, a primeira condição a preencher é saber analysal-a na sua natureza, nas causas que o determinaram e nos efeitos que elle produziu.

Que vimos nós, de 1890 a 1894? Ao terminar o anno de 1889 o papel-moeda em circulação era de cerca de 200.000 contos. Em janeiro de 1890 appareceu o decreto autorisando a emissão de papel sobre base de apolices, seguindo-se a promulgação de outros decretos que alargavam extraordinariamente aquella emissão. No fim de um anno o numerario do Brasil estava elevado ao dobro proximamente; no anno seguinte a somma do papel moeda attingia a 513.700 contos, e assim foi subindo sempre com rapidez, até alcançar o maximo de quasi 800.000 contos, em 1894. Que se devia esperar de uma circulação que em tão curto periodo se elevava ao quadruplo, senão profundas perturbações, que se dariam mesmo que o colossal accrescimo fosse de moeda metallica, como já o orador demonstrou, e com mais forte razão sendo de papel? A theoria economica da quantidade *necessaria* de moeda teve plena confirmação. O accrescimo repentino e avultado determinou o *over-trade*, isto é, uma verdadeira exacerbação de todas as transacções. Os bancos, dotados da faculdade de fabricar dinheiro, facilitaram os descontos insensatamente; os individuos, achando-se da noite para o dia mais ricos, alargaram sem medida os seus consumos; os

negociantes, vendo que tudo era procurado com empenho, elevaram os seus preços, e, como por taes preços tudo se vendia, exaggeraram suas importações ; o governo da nação e dos estados fizeram outrotanto, porque a renda dos impostos tendia a subir ; as fabricas nacionaes, para attenderem ás maiores encommendas do commercio, activaram suas produções, admittindo maior numero de operarios e pagando-lhes, em consequencia desta maior procura, mais largos salarios ; organisaram-se centenas de companhias para todos os fins, mesmo os mais absurdos, e os custosos machinismos que elles haviam encommendado ficaram em grande parte abandonados na Ilha do Vianna e na Ponta do Cajú, por terem chegado tarde quando a reacção já começava a manifestar-se pela restricção do credito anteriormente tão alargado. O cambio foi gradualmente descendo até 12 d. 174, chegando ao minimo de 9 178 durante a revolta do porto do Rio de Janeiro.

Houvessem as mesmas sommas sido emittidas em parcelas de 50 mil contos e os males produzidos pelas emissões teriam sido muito menores, houvessem as emissões sido applicadas a fins reproductivos e a criação de novos valores reaes attenuaria os effeitos observados. Isto significa que a questão não é só de quantidade, é tambem de prazo, de destino e de relação entre capital e trabalho. Numerosos exemplos confirmam o principio estabelecido, de que frequentemente accrescimos excessivos de papel-moeda em periodos mais ou menos curtos se equilibram com a procura de dinheiro determinada pela

expansão economica do paiz, fazendo cessar os effeitos prejudiciaes que os referidos accrescimos determinavam ; e mesmo no Brasil temos a seguinte prova valiosa da verdade deste aserto : de Janeiro a Agosto de 1864 o cambio conservára-se superior ao par ; a crise de Setembro desse anno e a guerra do Paraguay, que tambem no fim d'esse anno começára, deram extraordinario augmento á circulação de curso forçado, de 1864 a 1870. Realmente sendo de 81.721:000\$ o meio circulante em 1863, em 1870 estava a quantidade de papel-moeda elevada a 192.520:000\$, e a taxa do cambio desciá ao mínimo de 14 dinheiros em Fevereiro de 1868. Pois bem, terminada a guerra, o cambio elevou-se á media de 23 15[16 d. em 1871, subindo até ultrapassar o par em Março de 1873; e a quantidade de papel-moeda, que no citado periodo da guerra se reconhecêra unanimemente ser excessiva, para logo tornou-se insufficiente á vista do desenvolvimento adquirido pela lavoura e industria e do alargamento das transacções, desde que findára a luta com o Paraguay. Analysando o phenomeno com a proficiencia de professor de Economia Politica, o Visconde do Rio Branco, Ministro da Fazenda, nos tres relatorios que apresentou ao Parlamento em 1872, 73 e 74 sustentava a insufficientia do numerario, a necessidade de sustar as retiradas annuaes de 2.000:000\$ de papel, que a lei decretára, e pedia providencias legislativas que foram dadas em 1875.

Este exemplo, prova tambem o erro em que incorrem aquelles que julgam que a somma de

papel-moeda em circulação póde, com vantagem, ser reduzida, sempre que o cambio melhora sensivelmente, porque, dizem elles, uma menor quantidade, torna-se bastante para as transacções. O máo véso de fazer despender a somma conveniente de numerario, da taxa cambial, e não da relação entre a offerta e a procura de dinheiro, que representa a relação entre o capital disponível e as necessidades d'este, motivadas pela actividade economica da Nação, gera tal illusão.

Volviendo ao assumpto de que tratava, o orador já demonstrou, escudado nos principios que estabelece a Economia Politica, que em nenhum paiz a relação entre a offerta e a procura de dinheiro póde permanecer indefinidamente em estado de disequilibrio. Foi o que se verificou, de 1894 a 1898, no Brasil. A alta de preços das mercadorias e serviços trouxe o encarecimento geral da existencia; cada individuo passou a necessitar para as suas despesas pessoais e de sua familia o dobro ou triplo do que despendia anteriormente: os *stocks* dos commerciantes passaram a representar o dobro ou o triplo do valor, exigindo o accrescimento correspondente do capital de movimento; os governos da nação, dos estados e dos municipios viram-se obrigados a elevar extraordinariamente os vencimentos dos funcionarios publicos; com a anterior abundancia de dinheiro muitos estabelecimentos industriaes se fundaram, muitos se ampliaram e muitas lavouras se desenvolveram, especialmente a do café, cuja progressão foi espantosa; a

população cresceu e ainda em maior escala cresceram os impostos federaes, estaduais e municipaes; a abolição da escravatura, em 1888, obrigára a dar notavel incremento á immigração durante annos successivos, e os fazendeiros desde logo precisaram muito maior capital de movimento para pagar o trabalho livre e remunerado, que até então havia sido obrigatorio e gratuito. Ao influxo de taes circumstancias alteraram-se todas as relações da vida economica da nação, augmentando rapidamente a necessidade dos instrumentos monetarios, e d'esse accrescimo de procura resultou em curto prazo o seu equilibrio com a offerta que antes era excessiva. Foi um facto por todos reconhecido: quanto mais decorria o tempo, tanto mais se alargava naturalmente o campo da circulação e tanto menor se tornava o excesso das emissões. Só uma coisa não se equilibrou no referido periodo: foi o orçamento da nação que continuou a apresentar *deficits* importantes.

Já se vê que o exemplo das emissões de 1890 a 1894 prova de mais, porque em vez de contestar o que o orador tem avançado, ao contrario confirma em absoluto os principios que elle expoz e que a Economia Politica estabelece.

Si em 1891 ou 1892, o governo tivesse querido ou podido sustar as emissões, ou resgatar parte do papel emitido, sua acção seria benefica, porque diminuiria os males resultantes do excesso de numerario, enquanto este se manifestava perniciosamente, e teria apressado

o restabelecimento do equilibrio entre a offerta de dinheiro e as necessidades da circulação ; mas não o fez naquella época, e o acto que então seria benefico, tornou-se malefico, em 1899 a 1900, quando a circulação, tendo-se normalizado em um nivel muito differente, foi de novo perturbada por uma retirada de papel-moeda, precipitada e imprudente, porque de novo rompeu, em sentido contrario, o equilibrio já restabelecido.

Si o excessivo accrescimento de numerario afoutamente lançado na circulação e loucamente applicado a fins improductivos e phantasticos, de 1890 a 1894, constitue um erro, muito maior erro representa a obstinação em reduzir hoje a quantidade dos instrumentos de troca, que até á evidencia está provado serem insufficientes para manter e desenvolver a actividade economica do paiz. Si o primeiro acto occasionou prejuizos, muito mais graves são os danos causados pelo segundo, porque o augmento desnecessario do papel-moeda prejudica a todos os membros da commuidade politica, cada qual na proporção dos seus consumos pessoaes ou reproductivos, porém não entrava todas as actividades, não desalenta todas as energias dos productores, não paralysa, não esterilisa, não mata; ao passo que a insufficiencia do dinheiro prejudica desigualmente as classes sociaes, affecta principalmente o commercio, a lavoura e a industria, e quaesquer que sejam os esforços destes agentes pessoaes da producção, arruina-os e amiquilla-os.

Em apoio do que acaba de dizer podia o orador citar numerosos economistas ; limita-se,

contudo, a mencionar as opiniões de Luzzatti e Laveleye; do primeiro, porque expressamente se refere ao numerario de curso forçado, e do segundo porque applica as suas considerações com perfeita igualdade á circulação metálica e á de papel-moeda.

Luzzatti no parlamento italiano dizia que um paiz tanto pôde fazer as suas transacções com um bilhão, como com quinhentos milhões; mas se necessita de um bilhão e só dispõe de quinhentos milhões na circulação, que succede? *Succede uma crise*. E sabeis, acrescentava elle, o que significa a insufficiencia de numerario? Significa um monopolio odioso, uma feroz tyrannia exercida por aquelles poucos que possuem o capital, sobre todos os que delle necessitam para trabalhar. E então, considerando os graves prejuizos que semelhante situação occasiona e quanto ella sacrifica as classes laboriosas, especialmente os operarios, que não têm outro patrimonio senão o seu salario de cada dia, o illustre economista italiano entendia que, pelo menos, sob o ponto de vista democratico, são preferiveis os males que pôde occasionar o papel-moeda, aos que resultam da sua insufficiencia.

Não vos esqueçais, senhores, que Luzzatti, além de ser um notavel professor de Economia Politica, é um eminente estadista, que tem exercido na Italia o cargo de ministro da fazenda.

Citará agora a opinião de Laveleye.

Em uma obra que sob o titulo—*Le marché monétaire et ses crises* escreveu em 1866, diz este economista belga que, si se retirar de um mercado uma parte *ainda que pequena* do

dinheiro necessário ás transacções normaes, «*ter-se-ha provocado uma crise intensa no crédito e na circulação*».

Em abono desta opinião Laveleye relata as crises de 1810 e 1818 na Inglaterra, a de 1847 na Inglaterra e na França e muitas outras, todas provocadas pela emigração da moeda para outros paizes, em pagamento de grandes importações de cereaes, materias primas, etc. Dezeses annos mais tarde, comparecendo á *conferencia monetaria* que se reuniu em Paris, em 1881, Laveleye expremia-se nos seguintes termos: «Minha these é esta: um paiz, conforme suas condições commerciaes, tem necessidade de uma certa quantidade de numerario, como tem necessidade de wagões para transportar as mercadorias. Em um momento dado uma determinada quantidade de numerario é indispensavel, e se esta vem a diminuir, RESULTA FORÇOSAMENTE UMA CRISE».

Na opinião do distincto economista belga o excesso de numerario é incomparavelmente menos funesto do que a sua insufficiencia. Em uma estrada de rodagem, por exemplo, o excesso de vehiculos embaraça e retarda o transitio, mas os conductores acabam sempre por achar um *modus faciendi*, que desatranca o caminho, e os vehiculos seguem, posto que morosamente; entretanto que a insufficiencia de meios de transporte obriga ao accumulo de mercadorias nas mãos dos productores, muitas destas se estragam e não supprem em tempo o commercio; as materias primas, não chegando com promptidão ás fabricas, paralysam o movimento industrial; emfim diminue toda a actividade economica.

Ali ali mo
o numer

e soffrem todos os valores por falta de movimento, pois que as coisas produzidas só se fazem valer circulando, passando de mão em mão.

Imaginemos, diz o orador, um canal de navegação com oito ou nove metros de profundidade d'agua represada por uma eclusa ou comporta. Abrindo a adufa da comporta um individuo deixa escoar-se parte da agua, baixando o nivel e fazendo encalhar as embarcações de maior calado que alli navegavam; depois repete a operação, baixa ainda mais o nivel e encalham os navios de calado immediatamente inferior, e assim successivamente. Compreendeis como os prejuizos se aggravam á medida que baixa o nivel d'agua e que os movimentos se paralytam. Observae entretanto que as riquezas dos productores não diminuirão; ellas são as mesmas que eram; os navios estão repletos de carga, porém nada disso se valorisa, porque não circula; está tudo encalhado, estagnado. E' o que está succedendo ao Brasil na quadra actual. Temos as mesmas lavouras, os mesmos estabelecimentos industriaes, as mesmas casas commerciaes, as mesmas propriedades que possuíamos ha dois annos, sómente essas fontes de producção ou não funcionam ou funcionam produzindo riquezas que não remuneram os productores, porque a circulação soffre, por falta de *meio circulante*. E' principalmente a renda liquida de cada um que mais soffre, ou que fica absolutamente sacrificada emquanto dura a crise.

Alguns argumentam : si a falta de numero determina a baixa de todos os preços, é isso de grande vantagem para o consumidor. E o

orador pergunta : quem levanta os creditos de um paiz, quem promove a felicidade, a prosperidade e a grandeza de um povo, é o consumidor ou o productor ? Ferante os poderes publicos devem prevalecer os interesses dos consumidores ou os dos productores ? Si amanhã o Brasil contar maior numero de consumidores, que de productores, terá elle caminhado para a riqueza ou para a ruina ? Demais, porque ligar tanta importancia a essa distincção ? Si abstrahirmos dos funcionarios publicos e dos que vivem de rendimentos certos (pensões, montepios etc.) todós os outros individuos, desde o criado e o cocheiro até o litterato, o negociante, o medico e o advogado, que produzem valores immateriaes ou serviços, desde o operario fabril e o colono agricola até o industrial e o lavrador, que produzem riquezas materiaes, todas essas classes sociaes, que representam 98 ou 99 % da população valida, não são ao mesmo tempo productores e consumidores e não buscam no trabalho de cada dia rendimentos eventuaes, variaveis com o gráo de actividade e prosperidade economica do paiz ?

E póde se conceber que uma baixa de preços, que diminue 20 ou 30 % o total das despesas de consumo de cada uma seja compensação sufficiente para a reduccão de 40 a 60 % que em suas rendas soffrem muitos daquelles productores, que constituem as grandes legiões, ou para a reduccão quasi integral, e mesmo integral, que soffrem muitos outros com a crise de numerario ? Ide dizer ao carpinteiro, ao pedreiro, ao ferreiro que hoje aceitam qualquer

Tudo o consumo
é produzido

funcionarios
publicos não
produzem
valor pela
sua actividade
de trabalho
de cada dia
produzem
valores
materiaes

trabalho, embora diferente do seu officio, para poderem ganhar 2 ou 3\$, que a escassez de numerario é um beneficio, porque a baixa do preço dos generos lhes reduz 1 ou 2\$ nas despesas domesticas de cada dia, e elles vos responderão que quando havia dinheiro e os generos eram mais caros, havia trabalho para todos e o salario normal de 7\$ e 8\$ lhes permittia viver confortavelmente, com alegria e sem as apprehensões de que amanhã, si a crise aggravar-se, o seu trabalho não lhes dê o sufficiente, nem para o aluguel da casa e o pão dos fillios.

Em que paiz, em que época a baixa geral dos preços foi prenuncio ou signal de prosperidade? O Amazonas é a mais rica região do Brazil, aquella onde a Providencia accumulou maiores riquezas naturaes, mas ali a subsistencia do operario custa 5 e 6\$ por dia. Que lhe importa, si com facilidade elle ganha 10, 15 e 20\$ diariamente! Em nenhum paiz a vida é tão cara como nos Estados Unidos, porém em nenhuma parte do mundo o operario e seus braços são tão procurados, nem o seu esforço tão largamente remunerado. Quando foram descobertas as abundantes jazidas auríferas da California, os mineiros pagavam uma libra esterlina por uma garrafa de cerveja, e na mesma proporção os outros generos. Que lhes affligia isso, se em poucos mezes, e até em poucas semanas, os mineiros faziam a sua fortuna e a sua independencia?

Aliás os que formulam o argumento que o orador acaba de rebater não o fazem sinceramente. Para esses a baixa dos preços é conse-

quencia da superprodução, e a causa da crise é
 o excesso de numerario. Excesso de numerario
 nesta época ! Isto fêre a evidencia ! Pois temos
 dinheiro de mais e ninguem o leva aos bancos,
 cujas caixas estão vazias ! Temos dinheiro de
 mais e não ha quem o faça fructificar de juros,
 descontando as letras e contas assigna-las do
 commercio ? Temos dinheiro de mais e nin-
 guem o quer emprestar sob a mais solida garan-
 tia de hypotheca de immoveis ? Temos dinhei-
 ro de mais e ninguem quer adquirir, mesmo a
 preços reduzidos, predios e terrenos, nem as
 mercadorias expostas nas casas commerciaes,
 sendo certo que os commerciantes não fazem
 hoje a metade dos negocios que faziam ha um
 anno, como podéis indagar do primeiro que
 encontrardes em vosso caminho ? O dinheiro é
 superabundante e entretanto os lavradores não
 conseguem vender seus productos sinão com
 abatimento de 50 e 60 % dos preços normaes ?
 O dinheiro é superabundante e as fabricas estão
 a fechar, ou a reduzir o numero de dias de tra-
 balho, ou a diminuir o numero de operarios e a
 baixar-lhes os salarios ? O dinheiro é supera-
 bundante e as acções de bancos e companhias
 nada valem, e as proprias apolices federaes,
 esse titulo outr'ora tão cobiçado, que se reputa
 da maior solidez porque é garantido, pela nação
 e representa os seus creditos, não logram cotação
 superior a 780\$, tendo até baixado a 698\$ em
 setembro do anno passado ; cotações tão baixas
 como nunca foram vistas no paiz, nem mesmo
 nos dias mais ltuosos do Brasil, quando a
 guerra do Paraguay parecia interminavel e co-

*Falta de
confiança*

*Se a paiz
está em
má situação
não há
notas*

meçavamos a receiar a falta de recursos para debellar o inimigo ?

Excesso de papel-moeda, superabundancia de dinheiro nesta época ! Si isto não é uma ironia cruel, revela em quem assim se exprime uma absoluta ignorancia dos mais elementares principios de Economia Politica e uma completa cegueira, que não lhe permite observar as tristes scenas que a todo o momento se desenrolam diante de nossos olhos.

X
O orador pensa ter dito quanto basta para mostrar que o numerario de que dispomos, não só não é excessivo, mas até é insufficientissimo. Comtudo vae considerar este assumpto por mais uma face, fazendo o confronto da quantidade de moeda de que dispõem paizes mais adiantados, como a França, a Grã-Bretanha, a Hollanda, a Belgica e a Allemanha, com a que possui o Brasil em sua circulação.

Não faltará quem lhe objecte: oh! as condições não são as mesmas ! Bem o sabe; porém, se o orador provar que todas essas condições são de natureza a exigir que o Brasil disponha de maior quantidade de moeda, *por habitante*, do que cabe a cada habitante daquelles paizes, e se em seguida mostrar que temos relativamente menos moeda do que elles, terá conseguido o seu objectivo.

A quantidade de moeda necessaria á vida economica de uma nação varia com diversas condições, cujas principaes são: 1º a actividade da circulação, pois que a mesma nota ou peça de moeda serve, no mesmo espaço de tempo, em maior numero de transacções; e ninguem porá

em duvida que a actividade commercial na França, Inglaterra, Allemanha etc. é maior do que no Brasil; 2º o desenvolvimento do credito e o aperfeiçoamento do seu mechanismo; não sendo tambem possivel contestar que o numero dos bancos, seus recursos e sua organização são infinitamente superiores nos referidos paizes, donde resulta que as transacções commerciaes saldám-se ali com insignificante movimento de moeda, cada vez mais diminuto, em consequencia do desenvolvimento dos *clearing-houses*; 3º a extensão do territorio e os meios de transporte, que são tambem menos favoraveis ao nosso paiz, uma vez que no Brasil é necessario um mez para chegar ao Rio Grande do Sul uma quantia enviada do Amazonas, ao passo que em 24 horas iria do norte ao sul da França ou da Allemanha; 4º a disseminação das instituições de credito popular, que no interior do paiz recolhem de toda a população as pequenas economias que se formam, e á medida que se vão formando as fazem fructificar e reverter á circulação; e ainda sob este ponto de vista é extraordinaria a nossa inferioridade, porque, ao passo que o Brasil não tem mais de uma duzia de caixas economicas, a França, por exemplo, possui alguns milheiros d'ellas, sem contar as cooperativas de credito e os chamados bancos populares, que são ainda mais numerosos na Allemanha. Pois bem, apesar de todas as condições indicarem que o Brasil necessita ter maior quantidade de moeda, do que os cinco paizes mencionados, relativamente á população de cada um, dá-se exactamente o contrario.

Com effeito as quotas respectivas são :

França.....	214	francos	por	habitantes
Grã Bretanha....	104	»	»	»
Hollanda.....	101	»	»	»
Belgica.....	101	»	»	»
Allemanha.....	67	»	»	»

Entretanto que o Brasil apenas possui, por habitante, 45\$ a 50\$ de numerario, conforme se calcula a população total em 18 ou 14 milhões de individuos.

Os numeros que o orador acaba de apresentar são extrahidos dos trabalhos de Soetbeer, que é reputado a maior autoridade na organização de estatísticas concernentes a metaes preciosos, moeda, bancos etc. Esses numeros referem-se unicamente a especies metallicas e sabe-se que na Europa, onde funcionam os bancos de emissão, os estabelecimentos de credito dotados de tal faculdade emittem, em geral, na base de 1 de reserva metallica para 3 de moeda-papel, o que importa dizer que a proporção de numerario é ainda maior do que a indicada para os cinco paizes.

Passa o orador a outra questão.

Ha quem affirme que a causa desta crise é a desvarolisação do café.

O orador não contesta que o preço do café tenha soffrido com o augmento consideravel das ultimas colheitas, porque seria contestar a lei economica segundo a qual o preço de todas as coisas e serviços varia na razão directa da oferta e na inversa da procura : mas a depreciação de um producto não determina uma crise economica ; prejudica, é certo, o productora e, se

a situação se prolonga, se o preço desce abaixo do custo de produção, póde arruinar os que dispõem de menos recursos. São perturbações parciaes, são *crises agrarias* de um certo producto, que affectam uma classe importante da sociedade, mas que não podem determinar e nunca determinaram uma crise social. Com a borracha, o assucar e outros productos brasileiros, temos por diversas vezes observado identicos desequilibrios entre a offerta e a procura, e com o proprio café, em 1882, quando o preço desceu a cerca de 4\$ por arroba, depois de ter estado a 7\$ e 8\$ nos annos anteriores, nenhuma crise se manifestou. Agora mesmo, no sul da França, uma enorme produção de vinho fez baixar o respectivo preço a uma média de oito francos por hectolitro, inferior ao custo de produção, que é calculado em nove francos, dando assim um prejuizo que os pessimistas avaliam em 900.000 contos de réis e os optimistas em 400.000; porém a França não está por esse facto soffrendo uma crise economica e nem parece aperceber-se do prejuizo.

E' tambem possivel que a baixa do preço do producto provoque uma baixa do cambio. Se as sommas apuradas no total das vendas accusam grande differença para menos, está claro que menores serão as quantias a receber do estrangeiro, o que tende a prejudicar a taxa cambial. Foi o que succedeu na Russia, em 1875, quando a enorme colheita de trigo fez baixar sensivelmente o preço do cereal, acarretando notavel baixa do cambio. Foi igualmente o que aconteceu no Brasil em 1882.

Admitta-se contudo a possibilidade do effeito que o orador contesta. Ainda assim a quêda do preço do café não explicaria a crise que irrompeu em Setembro do anno passado. De facto, os preços médios do café, segundo o ultimo *Retrospecto Commercial* do *Jornal do Commercio* foram, por arroba :

Em 1898.....	12\$300
» 1899.....	11\$300
» 1900.....	12\$950

No corrente anno o preço tem sido muito inferior e talvez em média não exceda de 7\$600; mas o que só agora está occorrendo não póde ter sido a causa da crise que explodio ha pouco mais de um anno.

Outros têm dito e escripto que a causa determinante da crise é a desvalorisação dos nosos principaes productos, o café e o assucar, o fumo e a farinha, a borracha e o algodão, etc. ; porém si esses productos tinham o anno passado cotações muito mais altas e alguns d'elles, como o assucar, até elevadissimas, e si a baixa só se manifestou com força no anno corrente, é impossivel a influencia que se lhes attribue na crise de Setembro de 1900.

E o interessante, diz o orador, é que quando se pergunta qual o motivo de verificar-se a inculcada desvalorisação, a resposta infallivel é esta : está claro que é a superprodução. Porém é crível que precisamente em uma época de pobreza, de difficuldades, de desalentos, os productores de todos os generos do paiz tenham-se apossado do desespero, ou do furor productivo, por tal fórma abarrotando os mer-

cados, que ninguém quer adquirir os productos
 sinão a vil preço? Oh! senhores, pretende-se
 explicar um phenomeno social e não se quer
 examinar senão um dos termos que o influencia-
 ram? Quer-se argumentar com a variação
 dos preços e esquece-se que semelhante variação
 é a resultante de duas forças, a offerta e a pro-
 cura? Assevera-se que a baixa geral provém
 do excesso de produção; e porque não da in-
 sufficiencia ou redução do consumo? E si o
 phenomeno da baixa é geral, não se percebe
 que elle não é causa, porém effeito? Por ven-
 tura a depreciação attingiu sómente os produ-
 ctos agricolas? Haverá quem ignore que tam-
 bem baixaram os preços dos productos manufa-
 cturados (tecidos de algodão, moveis, artigos de
 fumo, etc.) e bem assim os de todos os serviços
 inclusive os das profissões chamadas liberaes,
 pois que, salvo raras excepções, os medicos es-
 tão sem clinica, os engenheiros sem obras, os
 advogados sem clientela, os corretores sem com-
 mittentes? Porque então não confessar que
 tudo isto é effeito de uma unica causa — a crise
 — e que, por sua vez, a crise é effeito de uma
 causa unica — a *idéa fixa* de que temos excesso
 de numerario?

Ha tres annos que o dinheiro vem se ex-
 tinguindo pelas incinerações e ha um anno que
 o credito extinguiu-se de um jacto, pela sus-
 pensão dos pagamentos nos bancos, provocada
 por um acto do governo. Ora, o dinheiro e o
 credito são as duas pernas com que caminha o
 commercio. O nosso commercio, já não é, por-
 tanto, um corpo perfeito, é um aleijado.

*Se o valor do
 producto
 diminuiu, na
 realidade, de
 consumo de
 producto e
 reflecto em
 mais, foi
 já, um
 que produz.
 A diminuição
 das riquezas
 e da actividade
 devida da
 menor capa-
 cidad de ab-
 sorção do
 producto.
 Logo não é
 a escassez a
 causa. Não
 pay de crise
 das bonas
 em que se
 augmenta
 devida a
 relação do
 transacções*

E quereis vêr o que é um commercio sem dinheiro e sem credito ? E' uma trava collocada em todas as actividades productoras. O commercio é o agente da circulação economica e a circulação é a mola que impelle a producção. No mundo economico o commercio, a industria e a lavoura representam uma engrenagem de muitas rodas, destinada a manter com regularidade o movimento indispensavel á satisfação das necessidades de todos os productores e consumidores. Nessa engrenagem, da qual depende a manutenção da vida economica da sociedade, a roda dirigente, aquella que recebe e transmite a força motriz, é o commercio, na sua qualidade de intermediario entre todas as classes productoras e consumidoras. Si o movimento da roda dirigente se retarda ou accelera, egualmente retarda-se ou accelera-se o das outras. Quer isto dizer que, com escasso numerario e quasi sem credito o commercio fica embaraçado em suas transações ; e como além d'isto a excaszez de dinheiro obriga a população a restringir seus consumos, a roda dirigente principia a caminhar vagarosamente. Diminuidas as encomendas do commercio, a industria começa a accumular *stocks*, até que o industrial, vendo esgotado seu capital de movimento e não contando com o credito, reduz o numero de dias ou de horas de trabalho, desorganisa parte dos serviços e baixa o preço dos productos, procurando assim forçar a sahida.

O lavrador não tendo a mesma faculdade de restringir plantações feitas e colheitas pendentes, e submettido á pressão da falta de recursos,

limita-se a entregar seus productos por preço inferior. Os operarios da industria e da lavoura, que constituem grande parte da população de um paiz, soffrendo as consequencias deprimentes d'esta situação, reduzem seus consumos pessoaes, e d'esta fórma o commercio vê descer ainda mais a procura que já era diminuta. A roda dirigente da engrenagem retarda, portanto, ainda mais o seu movimento, obrigando tambem a maior retardamento as rodas correspondentes ás outras classes productoras da Nação, o que de novo repercute em prejuizo do commercio, cujas condições se agravam, e assim successivamente. A situação torna-se cada dia mais apertada e ninguem pôde prever até onde irá o aperto, si providencias promptas e acertadas não forem tomadas pelos que governam o paiz.

E' d'esta fórma que uma crise que se prolonga assume o aspecto de uma longa e pungente agonia, até chegar o *hrach*, a hecatombe, como succedeu na Inglaterra em 1829, quando pelas ruas de Londres viam-se homens reconhecida-mente abastados, que offereciam á venda por preços ridiculos, titulos da dívida publica e outros bens, afim de poderem prover ás suas necessidades individuaes e ás de suas familias.

Eis ahí como a escassez de numerario agindo sobre as classes productoras e repercutindo de umas para outras, determina a baixa successiva, quasi indefinita do preço dos productos.

Por consequencia não é a baixa de preços, ou, como se tem dito, a desvalorisação dos productos, que provoca as crises monetarias, economicas ou commerciaes, conforme a denomina-

ção que lhes queiram dar; ao contrario, é a escassez de dinheiro que provoca a crise commercial e é esta que, generalizando-se, torna-se crise economica no mais amplo sentido, determinando a baixa de preço de todas as cousas e serviços, como registra a historia das crises occorridas em todo o mundo.

Na propria expressão — *desvalorisação dos productos*, que se tem usado, revela-se a falta de conhecimentos scientificos de quem assim se exprime. Uma cousa é o valor e outra o preço, embora ambos sejam regidos pela mesma lei da offerta e da procura. O valor é uma relação de troca entre dous serviços ou mercadorias quaesquer, entre duas *quasquer* quantidades economicas; o preço é essa relação expressa sempre em funcção de uma determinada unidade, de uma determinada mercadoria, que é a moeda. O valor desta mesa, por exemplo, diz o orador, pó le ser expresso em bancos, cadeiras, tinteiros etc., mas o seu preço só póde ser dado em dinheiro nacional ou estrangeiro; d'onde resulta que os preços pódem variar em uma certa occasião sem que variem os valores, bastando para isso que a unidade, o termo da comparação, isto é, o dinheiro, se deprecie ou se torne mais apreciado.

Para esclarecer seu pensamento, o orador vae servir-se de uma imagem. Supponha-se que temos deante de nós uma paizagem: um terreno com uma casa, umas arvores e arbustos, umas pedras, etc. Si applicamos um binoculo, como ordinariamente se faz, collocando os olhos nos vidros subjectivos ou oculares, a casa, as arvores, os arbustos, tudo nos parece

definição
valor da
já significa
preço do
mundo.
valor da
essa moeda,
qual cresce
simples
dade do
serviço,
co póde ser
mediante um
fazia-se
aqua
sido
de d
de d
serviço.

augmentado. Invertemos o binoculo, collocando os olhos nos vidros objectivos, tudo nos parece ter diminuido; mas observe-se que, quer no primeiro caso, quer no segundo, tudo parece diminuir ou augmentar em igual proporção, isto é, guardando a « proporção real » da casa, das arvores, etc. Pois bem, o mesmo phenomeno se verifica no mundo economico, quando observamos os valores através do binoculo da moeda. Si o dinheiro é abundante, todos estão promptos a dal-o em maior quantidade, disputando a posse das cousas e serviços que desejam, e os preços se elevam, fazendo parecer que igualmente se elevam os valores; si o dinheiro é escasso, ninguem se resigna a dal-o senão na quantidade minima, para adquirir as coisas ou serviços de que carece, e os preços baixam, parecendo que baixam tambem os respectivos valores. Entretanto os valores conservam-se os mesmos, porém os preços augmentam ou diminuem, conforme diminua ou augmenta o apreço em que se tem a moeda, pela qual se trocam aquellas cousas e serviços.

Assim, no anno passado, um kilo de café em grão custava (preço de atacado) 800 réis, um kilo de assucar superior, proxivamente a mesma quantia, e tambem 800 réis um kilo de fumo em folha, duas garrafas de aguardente, etc., hoje que todos os preços baixaram, custa um kilo de café em grão cerca de 400 réis, mas tambem é esse o preço de um kilo de assucar superior, de duas garrafas de aguardente e de um kilo de fumo em folha. De sorte que o

valor ou relação de troca entre essas mercadorias conservou-se inalterado, não obstante terem-se alterado os preços, isto é, as suas relações de troca com a moeda, que cada dia vai-se tornando mais escassa e por consequência mais apreciada. E é este um dos característicos das crises economicas.

Não se diga, pois, que a *desvalorização* dos productos brasileiros é a causa da crise que ora atravessamos. O que está na consciencia de todos é que a falta absoluta de dinheiro, tem diminuido a procura de tudo no commercio fazendo baixar todos os preços, pois cada qual tem reduzido ao minimo seus consumos, especialmente as classes proletarias que, tendo começado por cortar o superfluo, cortaram depois o util, em seguida o necessário e hoje privam-se até de uma boa parte do que se reputa indispensavel. Esta é que é a verdade que alguns procuram obscurecer.

Ha tres annos começou a incineração do papel-moeda e não faltou quem applaudisse a iléa, julgando-a efficaz para elevar o cambio, valorisar a moeda e promover a prosperidade economica do paiz. Discordando desse côro, o orador condemnou desde logo a medida, e no anno passado, quando irrompeu a crise, escreveu longamente na imprensa sobre o assumpto, prevendo todos os perniciosos effeitos que têm occorrido e a sua aggravação, si a queima do numerario continuasse. Agora annuncia-se que até 31 de Dezembro serão queimados mais 15.000:000\$, e, não é preciso ser propheta, para prever que a situação economica, dentro

de alguns mezes, se tornará ainda mais apertada, mais insupportavel, mais atrophiante do que já é. Hoje talvez sejam poucos os que duvidam disto.

A queima do papel, dizia-se outr'ora, elevará continuamente o cambio; dizia-se, mas ninguem o demonstrava, e a demonstração practica ahí está, visto que no anno passado, pouco antes da crise, o cambio mantinha-se superior a 11 dinheiros, quando o papel queimado representava apenas 80.000 contos, ao passo que nos seis ultimos mezes depois de queimados mais 20 mil contos, o cambio tem oscillado entre 9 7/8 e 10 1/2 dinheiros e só agora excede dos 11, graças á collossal venda de café realisada no corrente mez, e que não tem exemplo no mercado desse genero.

Todavia não é esta a primeira vez que se tenta a experiencia da queima para *valorisar o meio circulante* no Brasil. De 1837 a 1840, queimaram-se 5.000:000\$ dos 35.000:000\$ que existiam na circulação. Esta redução relativamente grande, porquanto equivale a mais de cem mil contos de réis na circulação actual, que effeito produziu? Diga-o uma opinião tão autorisada quão insuspeita, a do senador Candido Baptista de Oliveira que, como Rio Branco, era mathematico, lente desta escola e foi ministro da fazenda; opinião autorisada, por ser a de um estadista, cuja palavra era das mais acatadas naquella época em assumptos financeiros; insuspeita, porque Candido Baptista foi um dos adeptos da redução do papel-moeda, como recurso certo para a sua valorisação e para a elevação da taxa cambial.

Na sua obra *Systema financial do Brasil*, apreciando os resultados d'aquella queima, disse o illustrado estadista brasileiro (lê) :

« Havendo sido por este meio reduzida a circulação do papel-moeda de perto de 5.000 contos, *nenhum melhoramento se ha manifestado no curso do mesmo papel*, d'aquella data em diante, FICANDO APENAS POR VESTIGIO DE TÃO CUSTOSA OPERAÇÃO AS INUTEIS CINZAS DO PAPEL ANNUALMENTE CONSUMIDO PELAS CHAMMAS.»

Si a retirada d'aquelles 14 % do papel existente na circulação não produziu nenhum effeito sobre o cambio, produziu outro de natureza diversa e inesperada : apertou as classes productoras do paiz e fez baixar as rendas publicas, de tórma que, para sanar o mal e cobrir o deficit deixado pelo exercicio financeiro de 1839-40, restituiu-se á circulação os cinco mil contos retirados e *emittiu-se mais mil*, ficando o numerario, em 1840, elevado a 36.000 contos. E Candido Baptista accrescenta que este acrescimo « não perturbou de maneira apreciavel o curso do papel-moeda », assim como ficou « *praticamente demonstrada a inefficacia da mencionada medida* (a queima do numerario) ».

Na Republica Argentina tambem as incinerações foram applicadas em 1877, sob o governo do presidente Nicoláo Avellaneda, para amortizar 10 milhões de pesos de papel-moeda que a lei de 25 de Setembro de 1876 autorisára o Banco da Provincia de Buenos Ayres a emittir, em pagamento do emprestimo que elle fizera

à nação. A queima effectuava-se por trimestres e por pequenas parcelas, mas não proseguiu, nem o poder legislativo quiz estender o systema à massa de papel inconvertivel, enormemente augmentada depois de 1885.

Na Italia o governo resolve em 1875 a 76 retirar 12 milhões de liras do papel-moeda, mas, apesar da insignificancia da somma, bem depressa se arrepende e faz voltar á circulação a somma retirada.

Nos Estados Unidos o Congresso, bazeando-se no accentuado melhoramento das condições financeiras e economicas que, após a terminação da guerra de secessão adquiriu o paiz, autorisou o governo, por lei de 12 de Março de 1866, a retirar da circulação, no prazo de seis mezes, 250 milhões de dollars do papel-moeda, devendo essa retirada continuar, na proporção de mais 20 milhões mensaes. O ministro Mac Culboc poz em pratica a primeira parte da lei, mas não conseguiu realizar a segunda, porque a população, especialmente a do oeste, enormemente prejudicada com a escassez do numerario, protestou e fez-se ouvir pelo Congresso que suspendeu as retiradas de papel e mais tarde *prohibiu mesmo* formalmente qualquer nova reduccão.

Na Russia, em 1864, a retirada de 55 milhões de rublos, coincidindo com uma fórte baixa do cambio, obriga o governo a novamente-elevar a emissão de papel no quinquennio de 1865 a 69; em 1870 e 71 effectuam-se igualmente pequenas retiradas da moeda inconvertivel, que de 1872 a 74 voltam á circulação, enormemente

augmentadas. Porém não é tudo. Em 1881, o ministro da fazenda Abaza, no intuito de melhorar a taxa cambial, projecta retirar da circulação 400 milhões de rublos em alguns annos successivos; a medida não tendo sido levada a effeito por elle, seu successor Bunnge a adopta e faz incinerar 87 milhões de rublos; porém, os effectos foram de tal ordem, que em 1888, o novo ministro emitta 63 milhões, e como isto não bastasse para vencer as difficuldades do commercio, em 1891 são emittidos mais 75 milhões e em 1892, mais 12 milhões, embora todas estas emissões se fizessem *a titulo provisorio*.

Eis ahi o que nos ensina a historia economica de outros povos, e a nossa propria historia, sobre a efficacia das retiradas parciaes de papel-moeda; mas ha ainda quem pense que com taes eliminações se attinge á prosperidade. Alguns raciocinam desta fórma: evidentemente o papel-moeda é moeda de má qualidade e prejudica a circulação economic; ora, quando o sangue de um individuo está deteriorado e prejudica a sua existencia, o melhor é eliminá-lo do organismo. O orador nada sabe de medicina, porém, parece-lhe que o antigo processo das sangrias está abolido; e, quando não o estivesse, nenhum cirurgião esgotaria o sangue, posto que arruinado, de um individuo, sem ter á disposição outro mais sã, para inocular-lhe nas veias.

A medicina moderna considera o sangue, mesmo deteriorado, coisa muito preciosa para esbanjar-o, e por isso applica os meios therapeuticos de modificá-lo, melhorando-o, sem estrahil-o da circulação.

Pergunta o orador: ha algum paiz onde se tenha conseguido a abolição do curso forçado, pelo processo das incinerações ou retiradas parciaes do meio circulante? Não; não ha nenhum.

No Estado Oriental o regimen do papel-moeda extinguiu-se de um só jacto, graças ao emprestimo que a Nação conseguiu contrahir na Inglaterra em 1870.

Na Inglaterra o curso forçado é iniciado em 1787; em 1819 decreta-se a sua abolição a partir de 1º de Maio de 1823, mas tão avultadas tinham sido as entradas de ouro no paiz durante os ultimos annos, tão favoravel o agio que no correr de 1820 não excedera de meio por cento, que em 1º de maio de 1821 o Banco de Inglaterra anticipava os pagamentos em ouro. Nenhuma cedula de papel moeda foi retirada da circulação antes desta declaração.

Na França, em consequencia da guerra com a Allemanha, a suspensão dos pagamentos em metal é autorisada pela lei de 12 de agosto de 1870. A volta ao regimen metallico é decretada pelo art. 28 da lei de orçamento de 1876, mas esta disposição legal passa despercebida, porque *de facto*, desde 1872-1873, a abundancia de ouro no Banco de França autorisava o povo a considerar puramente nominal o curso forçado. O grande instituto de credito não se preocupára com retiradas parciaes de seus bilhetes, porém, terminada a guerra, o Banco julgou conveniente *reembolsar*, isto é, *pagar em moeda metallica*, 200 milhões de francos annualmente. Este reembolso, importando em substituição de certa somma de papel,

Foi

Vide
Bullion
Report

Os assigna

Torran
retiradas
circulantes
as importações
pagas pelo
governo

Vide

Say
Albion du Com.

por outra igual de ouro, em nada podia prejudicar a circulação.

A Italia adopta o curso forçado por decreto de 1 de maio de 1866. Em 1870 já o ministro da fazenda Sella, era atacado porque não promovia a volta aos pagamentos metallicos. Sella respondeu que para isso precisava *preparar o terreno* eliminando os *deficits* orçamentarios, sem recorrer a empréstimos, o que o obrigava a augmentar a somma de papel-moeda em circulação. O ministro Minghetti, que o substituiu em 1873, seguiu a mesma politica, d'onde resultou que em 1876 estava elevada a emissão a 940 milhões de liras. A impaciencia pela abolição do curso forçado continuava. O exercicio de 1876 deixára ao Thesouro um saldo de 20 milhões de liras, o de 1877 de 23 milhões, o de 1878 de 14 milhões. A imprensa e o povo pediam que os saldos fossem perseverantemente applicados á redução da quantidade de papel-moeda, afim de melhorar o cambio e accelerar a extincção do curso forçado. Magliani, professor de Economia Politica e ministro das finanças em 1879, reagiu contra esta opinião. «Agora que o equilibrio do orçamento está conseguido, dizia elle no parlamento, o paiz reclama um systema fiscal que pese menos sobre a população e *crie menos difficuldades à producção e ao trabalho*; elle pede uma transformação que, sem comprometter o equilibrio do orçamento, permita a abolição de taxas que oneram a industria e o trabalho nacional». Magliani propunha, de accordo com estas idéas, que se extinguisse o imposto sobre a moagem

do trigo, que rendia 50 milhões annuaes, e, proseguindo em sua argumentação accrescentava: «Eu sustento que a abolição deste imposto fará o operario ganhar um accrescimo equivalente a oito até quinze dias de salario, resultando d'ahi que os consumos serão augmentados, o trabalho desenvolvido, e que o Estado lucrará com isso, porque o *melhoramento da situação economica reverte sempre em proveito das finanças nacionaes*». *A má critica financeira e a destruição do desenvolvimento da economia se*

A golpes de talento, de saber e de logica, Magliani venceu a campanha na Camara dos Deputados; porém, seus esforços foram inuteis perante o Senado, onde a maioria não podia comprehender que se abolisse um imposto tão rendoso, quando se desejava augmentar os recursos do paiz para habilitar o a resgatar o papel-moeda. Allegava-se que o commercio e a industria não estando em condições lisonjeiras as rendas do Thesouro podiam com isso vir a soffrer; a redução de impostos em tal caso produziria avultado *deficit*. Não era, pois, opportuna a occasião para medidas desta ordem. O ministro calculava obter effeitos beneficos, mas os calculos podiam falhar. Em resumo: o projecto cahiu e Magliani retirou-se do ministerio, cedendo o logar a Grimaldi: porém poucos mezes depois aquelle estadista era de novo chamado a occupar a pasta da fazenda, porque reconhecia-se que era elle o mais competente para realizar a desejada extincção do curso forçado.

O plano do ministro foi então approvado; as receitas cresceram consideravelmente, os

saldos augmentaram e o cambio melhorou. Em 15 de novembro de 1880, Magliani apresentava ao parlamento o projecto para a extincção do curso forçado na Italia, por meio de um emprestimo exterior de 644 milhões de liras. O projecto converteu-se na lei de 7 de abril de 1881 e o emprestimo reali-ou-se; entretanto, o ministro não se apressou em retirar o papel da circulação. Uma pequena parte do que produzira o emprestimo foi applicada em substituição do papel que constituia a caixa dos bancos, e todo o excedente ficou depositado no Thesouro, até que o governo declarou que o papel em circulação seria pagavel, ao portador e á vista, em moeda metallica. Dest'arte se operou a importante transformação do regimen fiduciario para o metallico, sem que um só dia se houvesse reduzido, *nem de uma cedula*, o meio circulante. A operação realisou-se *por substituição, por pagamento*, e de um só jacto.

Ncs Estados Unidos o curso forçado, inaugurado em 1862, extingue-se tambem por substituição e pagamento, em Janeiro de 1879, de accordo com a lei de 14 de Janeiro de 1875 (*Resumption act*). Terminada a guerra de secessão, as exportações do paiz avultam e com ella as entradas do ouro europeu, especialmente depois de 1868, e as rendas publicas crescem de maneira surprehendente, deixando, só no exercicio de 1865-66, um saldo de 154 milhões de dollars. Os prejuizos e perturbações commerciaes occasionados pela retirada do meio circulante, de accordo com a lei de 1866, que o orador já citou, e a consequente intervenção do

alta contor
que success
depois de
o curso
essigandem
nullo
culmud
convenien

a retirada
dizem
T. de
July of
in
1879
moeda
em 1879
U. S. de
tempo
longo

or disse em 1879 o Journal New York
monna colante por 100, 200 e um e 1/2
300 dollars, um dollar de nova emissão
tal correspondia a diminuir a
circulação

nenhum sacrificio. Os *effeitos naturaes* das leis economicas que regem o commercio internacional, occasionando as abundantes entradas de moeda metallica, que affluia ao paiz em pagamento de enormes exportações, e o pagamento em ouro do juro das apolices, folgaram tão amplamente as relações economicas das classes trabalhadoras, que o curso forçado nos Estados Unidos extinguiu-se em breve prazo, suavemente, como se extingue a luz de uma lamparina.

Emfim, a Russia tem comprehendido em diversas épocas, ingentes esforços para libertar-se do curso forçado; porém, depois do insuccesso das tentativas feitas em 1864, 1870, 1871 e 1881, para obter o desejado fim por meio de incinerações e retiradas parciaes do papel-moeda, mudou completamente de rumo, e, tendo obtido importantes saldos orçamentarios nos ultimos exercicios, deliberou applical-os annualmente á compra de ouro em barra, que está accumulando no erario publico. Em 1897, segundo o relatorio apresentado ao imperador pelo ministro das finanças Witte, o erario possuia 162 milhões de rublos de prata e 1.470 milhões de ouro em barra ou moeda, contra 999 milhões de papel-moeda, effectivamente emittidos pelo Banco e mais 175 milhões das emissões temporarias. O ministro declara que, por consequencia, a reserva metallica *excede consideravelmente* a quantidade do papel-moeda em circulação.» Nos tres ultimos annos os encargos desta natureza não augmentaram e as reservas metallicas continuaram a ter accrescimento annual. Apesar disto, o governo entende

que a Russia ainda não póde iniciar o regimen do pagamento em metal, porque não está realizado o equilibrio do balanço do commercio internacional; o cambio ainda não está ao par, e quando o esteja será preciso esperar que elle assim se mantenha por tempo apreciavel, para ficar-se convencido que não se trata de um equilibrio instavel. Si, antes de preenchida esta condição indispensavel, uma nação extinguir o curso forçado, o sacrificio será inutil e o resultado pouco duradouro, porque o saldo devedor, que o commercio nacional tiver de pagar annualmente, será pago com a moeda existente na circulação, e dentro em pouco o numerario tornando-se insufficiente para o movimento economico interior, o governo ver-se-ha forçado a retroceder ao papel-moeda. Foi por esse motivo que o Estado Oriental, tendo abolido o curso forçado em 1870, tornou a decretal-o em 1875. A Republica Argentina fez igual abolição por lei de 19 de Outubro de 1883, posta em execução em 1884, porém, em janeiro de 1885 voltava ao papel-moeda. A propria Italia, apesar das cautelas de Magliani, precipitou a entrada na livre circulação monetaria. De facto, tendo operado a transformação em 1881 a 82, dez annos mais tarde o ouro e a prata haviam desaparecido quasi completamente da circulação e o agio do ouro elevava-se a 14 %, em 1893, em logar de 3 %, como antes da reforma. Em 21 de fevereiro de 1893 o governo achou-se obrigado a autorisar a emissão de 340 milhões de liras de papel-moeda, mais tarde elevada a 600 milhões, tudo isto

porque desde 1882 o balanço do commercio internacional ou a relação entre creditos e debitos estrangeiros, fôra sempre desfavoravel á Italia. E é interessante mencionar que depois d'estas novas emissões de papel, as classes productoras ficaram mais folgadas e o cambio desceu até 5 % no primeiro semestre do corrente anno e até 3,5 % no corrente mez.

Fosse o governo russo composto de estadistas soffregos ou inconscientes e a existencia da grande reserva metalica no erario publico te-lo-hia arrastado á retirada immediata de grande massa de papel-moeda, provocando uma desastrosa crise de numerario, arruinadora do paiz, ou tel-o-hia seduzido a entrar sem demora no regimen da circulaçãe livre, preparando assim um proximo futuro de desillusões, de prejuizos e principalmente de descredito para toda a Nação.

Em todo o caso, os paizes, que o orador acaba de mencionar, só pensaram seriamente em abolir o curso forçado, quando o cambio se achava alto ou quasi ao par e quando a sua situação economica era, real ou aparentemente, muito favoravel. Não está nas mesmas condições o Brasil actual, que além de atravessar uma crise sem exemplo na sua historia, tem o papel moeda depreciado de mais de 50 % e a balança economica internacional inteiramente pendida a favor dos paizes estrangeiros.

Nada ha mais bello e mais seductor para um estadista do que extinguir o papel-moeda. Infelizmente é muitissimo mais facil entrar no curso forçado, do que d'ellè sahir. Para entrar,

bastam alguns traços de penna, em fórma de Decreto; para sahir, é preciso calma, tino, sciencia, longo preparo da situação futura, equilibrio financeiro, equilibrio economico e, além d'isto, um concurso de circumstancias que o orador denominará felizes, porque em grande parte são superiores á vontade do homem. Está n'este caso a manutenção da paz interna e externa.

Si, para abolir o curso forçado em um paiz, bastasse aggravar consideravelmente os impostos afim de obter importantes saldos em papel e depois reduzir estes saldos a cinzas, á medida que se fossem formando, a extincção do papel-moeda não seria, como é, a mais difficil e melindrosa operação que pó le caber a um estadista, e nenhum povo permaneceria por muito tempo sob semelhante regimen, como aconteceu á Suecia e á Dinamarca, que tiveram o papel-moeda por mais de um seculo, e assim á Austria que o tem egualmente ha mais de um seculo, á Russia, que está em idênticas condições e ao Brasil que o supporta, ha oitenta annos completos. Idênticamente a Inglaterra, que, por decisão administrativa de 3 de Março, confirmada por acto do parlamento, de 3 de Maio de 1797 (*Restriction act*), decretára o curso forçado pelo *prazo expresso* de 52 dias, não o teria mantido por 24 annos e dous mezes, até Maio de 1821.

O orador tem até aqui tratado das duas primeiras partes do programma que se propoz desenvolver—as causas e effeitos da crise, em suas relações com o papel-moeda. Resta-lhe occupar-se com a terceira—os remedios; porém,

a hora está tão adeantada e o orador já abusou tanto da attenção do auditorio (*não apoiados*) que procurará resumir quanto possível o que tem a dizer.

Que remedios têm sido indicados para debellar a crise? O primeiro foi um empréstimo, e neste sentido se apresentou á Camara dos Deputados, em 5 de Outubro do anno passado, um projecto de lei que não foi tomado em consideração. Na verdade onde lançar um empréstimo? No interior do paiz? Mas si elle está pauperrimo e as apolices federaes têm já um desconto de vinte a trinta por cento! No exterior? Mas si o credito publico do Brasil está fortemente abalado, si o paiz se acha ainda sob a influencia de uma moratoria concedida pelos credores estrangeiros e si os titulos da nossa divida exterior estão tambem fortemente depreciados, como cogitar de empréstimos?

Apontou-se egualmente, como remedio, a criação de um novo banco. O orador pensa que, si o terreno da circulação economica do Brasil está secco e mirrado, o que lhe falta não são apparatus irrigadores, é a agua. Bancos temos nós de sobra; um só, rico e forte, seria sufficiente. Para amparar um doente mais vale um homem são, do que uma dezena de anemicos. Quando na circulação houver numerario sufficiente, os capitaes disponives affluirão aos bancos e os bancos terão dinheiro para os descontos.

Outros opinam: para conjurar esta crise necessita o Brasil emprehender grandes reformas

em suas leis e costumes. Precisamos adoptar a polycultura, para evitar a superproducção dos principaes generos agricolas; precisamos reformar o regimen legal das ~~ruínas~~, para que possamos arrancar das entranhas da terra brasileira as enormes riquezas que ella encerra.

Senhores, diz o orador, de projectos de exito incerto e realização longinqua tem até hoje vivido o Brasil. Devemos estar saciados de ouvir incessantemente tocar esta musica do futuro. Para adoptar a polycultura é mister antes de tudo ensinar aos lavradores quaes as culturas novas que convém adoptar, mostrar-lhes as vantagens dessa adopção, indicar-lhes o valor commercial dos novos productos, ensinar-lhes os respectivos processos agricolas, importar as sementes e realizar os ensaios. Feito isto os lavradores começarão a preparar a terra, semear, colher, beneficiar os productos e vendel-os. Quantos annos são precisos para chegar ao fim desejado ?

Reformar a legislação das minas e o regimen da mineração! Mas só o projecto de reforma da lei levaria dous ou tres annos a se discutir no Congresso. Depois viriam os estudos das jazidas, os ensaios, a aquisição dos capitaes, a perfuração dos poços e galerias, a installação das machinas, a extracção dos minerios, etc. Teriamos o problema resolvido nestes vinte annos mais proximos ?

Admittindo, pois, como indiscutivel, a effcacia das medidas apontadas, ellas não chegariam a tempo de remover as difficuldades

actuaes. Quando um incendio lavra pavoroso, não é occasião para discutir-se qual o mais aperfeiçoado aparelho de extincção que convém adoptar no futuro; tira-se vantagem das velhas bombas que existem e, em falta destas, dos baldes, dos regadores que estão á mão.

Dir-se-ha: qual é enão o remedio? A critica é facil e a arte difficil, sentenciava Boileau. Si criticaes o que tem sido proposto, indicae o que se deve fazer. O orador não é estadista, não é politico militante, mas não se nega a assumir a responsabilidade da sua opinião.

Antes de tudo, abstenhamo nos de idealismos, originalidades e calculos problematicos. Quanto maiores são os males, quanto mais oppressiva é uma situação, tanto mais simples devem ser os remedios, tanto mais segura sua applicação, tanto mais promptos os effeitos. Nada de invenções e experiencias. Quando se trata da fortuna publica e particular, não se opéra sobre a sociedade como opéra o bacterologista *in anima vili*.

Si um medico é chamado a soccorrer um enfermo, seu primeiro cuidado deve ser o estudo da natureza do mal, para fixar o diagnostico. De que especie é a crise que estamos atravessando? Não é de certo politica; tambem não é financeira, uma vez que o Thesouro accusa grandes saldos absolutamente disponiveis e que podem ser queimados. A crise é economica, é commercial; os principios da sciencia e os factos de todos os dias provam exuberantemente que, do norte ao sul do Brasil, a crise é de numerario, e toda a crise de numerario acarreta uma

João Pereira e... a
papel comercial de Banco de France (pg 133), a
confusão vem de que João não sabe em moeda
francesa que não se pode confundir com
papel-moeda de curso forçado. Se é esse
forçado a moeda não é pedimento, porque a
confusão vem de que João não sabe em moeda
de France.

crise de credito. Si este é o mal, e ninguém po-
derá racionalmente contestal-o, o remedio deve
ser da mesma natureza. E' a applicação do prin-
cipio de Hahnemann — *similia similibus*
curantur.

A maledicencia e o sophisma talvez apro-
veitem a oportunidade para exclamar: eis ahi
um professor de Economia Politica que pede
novas emissões e faz apologia do papel-moeda.
Não ha tal; o orador nada pede nem deseja e não
faz a apologia de coisa nenhuma. No exercicio
da sua missão de professor o seu direito é criti-
car, o seu dever é doutrinar. Já vão longe os
tempos em que Emile Pereire (um nome francez
que parece portuguez) conhecido e abastado ban-
queiro de Paris, preconisava o papel-moeda
como um excellente instrumento das trocas, ex-
tremamente commodo no seu manejo, economico
porque dispensa despesas com a aquisição do
metal necessario á fabricação da moeda, e cujo
valor pode manter-se sempre elevado pela in-
fluencia dos creditos do governo. No seculo XX,
dizer que o papel-moeda é má moeda, é usar de
um *logar commum*, é enunciar uma noção ele-
mentar, que não póde ser ignorada pelo ultimo
dos discipulos de Economia Politica e muito
menos pelo ultimo dos professores, como é o
orador. Porém as nações não têm a moeda que
querem ou desejam; têm a que podem. O papel-
moeda é um mal, porém, em muitos casos, um
mal necessario, que não póde ser extirpado
afoutamente e impunemente, ao simples deca-
da vontade de um estadista. A melhor prova que
esse mal torna-se necessario, imperioso em cer-

porque a
confusão vem
de France

Pereire
Condenman
sempre o papel
moeda. Vê
seu trabalho
entre o sust
de la

Pereire diz a pg 141. La monnaie pedu a
deit être constamment convertible en argent.
L'absence de cette condition donnerai naissance
au plus grand abus.

tas phazes da vida social, é que exceptuadas as mais modernas colonias inglezas, *todos os outros paizes* têm, por diversas vezes, pedido socorro ao papel-moeda, para evitar males maiores, conservando-o na circulação por periodos mais ou menos longos; e ainda agora, ao começar o seculo XX, metade do mundo civilisado luta com as difficuldades oriundas do curso forçado.

A these que sustenta o orador é esta: a circulação está apertadissima, por falta de numerario; logo, é indispensavel folgal-a, fornecendo-lhe o numerario preciso á vida economica, á actividade das classes productoras.

Se o governo tivesse á sua disposição, para tal fim, numerario de qualidade superior ao papel-moeda, se elle possuísse ou pudesse obter por operações de credito exterior, grande quantidade de ouro e prata, tanto melhor; mas, como não tem os metaes preciosos, nem poderá tel-os tão cedo, pratica um desatino, retirando sem compensação ou substituição o papel-moeda, de maneira a occasionar as mais graves perturbações nas relações economicas das classes trabalhadoras.

Exactamente por ser a moeda a medida, geral de valor, a unidade, o termo de comparação de todos os outros valores, é que se necessita dar-lhe a maior estabilidade, afim de evitar que suas variações determinem repentinas oscillações, sempre prejudiciaes, nos preços das mercadorias e serviços. Ora, a moeda sendo em si mesma um valor, está sujeita á lei da offerta e da procura, reguladora de todos os

valores; d'onde resulta que augmentar ou diminuir arbitrariamente um dos dous termos, offerta ou procura, é romper o equilibrio que, representa a referida estabilidade. «E' preciso, diz Stanley Jevons (*A moeda e o mecanismo da troca*) que a moeda procure seu nivel como a agua.»

Nos paizes de numerario metallico o nivel se restabelece quasi sempre automaticamente, conforme expoz o orador, pela exportação expontanea da moeda, quando ella é excessiva, ou pela importação, quando insufficiente. Nas nações submettidas ao curso forçado, não podendo o papel ser exportado, nem importado, e não podendo ser emittido nem retirado, senão por quem goza da faculdade de emissão, é mistér que o nivelamento seja operado pelo poder competente. N'estas condições, augmentar o meio circulante muito além das necessidades da circulação, como se fez de 1890 a 92, é produzir o desnivelamento em um sentido, originando graves prejuizos; mas diminuil-o, como agora se está fazendo, quando evidentemente o reconhecemos insufficiente, é desnivelar no sentido opposto, provocando prejuizos muito mais avultados, tão avultados e tão geraes que assumem o character de um flagello nacional.

E' preciso, portanto, folgar a situação, porém os que imaginam que isto só se póde conseguir fazendo uma derrama de papel-moeda, por intermedio de bancos que venham baratear o credito, como se fez em 1890 a 1892, mostram possuir idéa bem inexacta dos meios complexos e variados, pelos quacs se consegue

actuar beneficentemente sobre o mechanismo da circulação economica.

Ha um anno, commentando as causas da crise, em artigos que publicou na *Imprensa*, e descrevendo minuciosamente as consequencias provaveis que, de facto, se estão verificando, o orador indicava a substituição da queima de papel-moeda pelo resgate de apolices f-deraes. Quanto mais estuda o assumpto, mais se convince que esse deve ser o primeiro passo a dar, o primeiro elemento do plano a pôr em pratica, para sustentar a calamidade e iniciar a obra de restauração economica da nossa Patria.

Nos paizes novos, como o Brasil, onde o capital é escasso e timido, a apolice é uma sanguesuga que absorve e attrahe a melhor parte dos recursos pecuniarios que se vão formando em mãos dos individuos. Na Europa, onde a capitalisação é facil, rapida e avultada, os capitães cada anno accrescidos conservam-se ás vezes durante longo prazo inactivos ou dormentes, e a apolice sati-fazendo por um lado ás necessidades extraordinarias e occasionaes dos governos, por outro permitem aos particulares uma applicação rendosa para aquelles capitães inactivos que assim passam a fructificar de um juro razoavel. Porém no Brasil não succede outro tanto, e a immobilisação de recursos em apolices faz-se á custa do capital circulante, ou de recursos que muito mais proveitosamente viriam vivificar a lavoura, o commercio e a industria, si o iman d'aquelles titulos de divida publica não os attrahisse.

Si os 102.000:000\$ queimados nos tres ultimos annos, juntamente com os grandes sal-

dos que os nossos orçamentos vão deixando e que os poderes publicos não querem applicar á desagravação tão reclamada dos impostos de consumo, houvessem sido destinados ao resgate de apolices, teriamos em dezembro deste anno cerca de 150 000:000\$, ou 180.000 desses titulos resgatados pela cotação actual. Porém ainda que as cotações subissem consideravelmente com a referida operação, seriam no minimo, 160.000 apolices amortizadas.

Compreendeis, senhores, que semelhante medida produziria na situação economica os mais beneficos effeitos, quer directos, quer indirectos. Directamente, o governo economisaria, por anno, 7 a 8.000 contos de juros que deixaria pagar, a cotação das apolices se elevaria, rehabilitando o credito publico, e aquella enorme somma, applicada ao resgate, volveria á circulação, tão gravemente damnificada com a sua retirada. De facto, que fariam os individuos, do dinheiro obtido em troca das apolices? Certo, não o guardariam na gaveta, ou no cofre. A apolice guardada fructifica semestralmente; o dinheiro guardado nada reproduz. Elles o empregariam, portanto, por si, ou por emprestimos, ou por intermedio dos bancos, em acudir ás necessidades de numerario que manifestam as classes productoras do paiz. E o systema teria admiravel elasticidade: emquanto no mercado o dinheiro fosse escasso para as transacções de interesse, haveria quem vendesse as apolices de um conto de réis por 800, 900, 950, 980\$ e isto significaria que o numerario era ainda insufficiente para acudir a todas as necessidades, pois

*Sua ingratidão
mas augmento
o meio circulante
portanto com
alcança
o que se faz
de modo
de 100
portanto com
não é do
pela to
meio circulante
As apolices
individuais
valor de
a quantidade
mas o que
do papel na
abrilhonaria
com valor?*

que os individuos preferiam a posse do dinheiro, que não vence um juro, á da apolice que o vence, tanto assim que se sujeitavam a um abatimento no preço nominal do titulo. Quando o preço da apolice se elevasse ao par, ou acima deste, concluir-se-ia que a insufficiencia de numerario havia desaparecido.

Indirectamente, os beneficios não seriam menores. O medo é contagioso, mas o exemplo da coragem gera tambem muitas ousadias. Desde que se declarou a crise alguns capitães amedrontados retrahiram-se e quanto mais a situação se aperta, mais se arredam do mercado esses e outros, mais apreciado fica o dinheiro, e mais ligados a elle seus possuidores; mas á medida que a circulação fosse folgando com o resgate de apolices, que faria affluir aos bancos os depositos, determinando o reaparecimento do credito e o renascimento da confiança, os mais corajosos concorreriam para o movimento com seus recursos, até então escondidos, seguindo-lhes o exemplo outros e outros, até generalizar-se o movimento.

Ainda mais: actualmente o negociante que tem de pagar uma letra em certa data, sabendo que não póde contar com o credito, que está morto, prepara-se com 15, 20, 30 e mais dias de antecedencia para não faltar ao compromisso assumido, e faz do cofre da sua casa commercial uma especie de mealheiro onde, dia a dia, vae recolhendo e accumulando as pequenas parcelas que devem formar a somma desejada. Folgada a circulação, pela reversão do numerario occasionada pelo resgate

dos titulos da divida publica, o accrescimo dos depositos nos bancos faria recommear os descontos e o negociante volveria á pratica dos tempos normaes, quando diariamente ou cada semana elle remetia para os estabelecimentos de credito o dinheiro disponivel, sem preoccupar se com o vencimento de compromissos que, em caso de necessidade, seriam satisfeitos por uma operação de credito. E' claro que quando todo o commercio assim procede, o numerario adquire muito maior actividade circulante, e a mesma quantidade satisfaz muito maior numero de necessidades de dinheiro das classes produtoras.

D'estarte o equilibrio entre a oferta e a procura de numerario tenderia a estabelecer-se sem abalo ou transição brusca, mas com bastante prestesa, graças á operação de resgate das aplices, medida de facil, simples, rendosa e expedita execução.

Os 7 ou 8.000:000\$ desde o primeiro anno poupados no pagamento do juro dos titulos resgatados, accrescidos dos juros dos resgates annuaes que por ventura viessem a effectuar-se, constituiriam um saldo supplementar, que o governo poderia applicar á providencias auxiliares d'aquella que o orador acaba de indicar, e que viriam igualmente vivificar a circulação e facultar á sociedade brasileira novos meios reproductivos. Poderia, por exemplo, utilizar parte do saldo em extinguir a funestissima instituição das loterias. Si a aplice é para nós uma sanguesuga, as loterias são um cancro destruidor de boa parte dos dous instrumentos

indispensaveis á produção — o trabalho e o capital. Nesta especialidade, é sabido, o Brasil tem tocado á perfeição; todos os dias correm duas e, ás vezes, tres lóterias, com bilhetes de preços ridiculos, que generalisam o vicio, e, como se não bastasse, addicionou-se-lhe o jogo do bicho, ao alcance das mais miseraveis bolsas. E o nefando jogo mantém em todo o paiz, innumerados individuos que nelle negociam, vivendo á custa de um trabalho occioso ou de uma occiosidade laboriosa; individuos que atredados dos trabalhos reproductivos nos atropelam nas ruas e perseguem com garotagens ás senhoras, graças á inacreditavel tolerancia da policia. Além disto a loteria desenvolve o latrocínio na criadagem, esgota todas as economias que, sem ella, poderiam accumular-se e applicar-se com proveito para a sociedade, absorve a attenção de innumeradas pessoas que cada noite se deitam desalentadas com o prejuizo soffrido, e cada manhã se levantam esperançadas de recuperal-o com a *sorte grande* desse dia; desenvolve, enfim, no povo a ambição desordenada de enriquecer repentinamente sem trabalho, ambição que em nada se assemelha á aspiração nobre e justa, que deve ter todo o homem, de elevar-se entre as classes sociaes, pelo seu esforço, sua capacidade, sua actividade.

Si o embaraço que existe se oppõe á extincção da loteria é a existencia de um contracto, rompa-se este, e do saldo deixado pelo juro das apolices resgatadas pague-se 1.000 ou mais contos de réis de indemnisação annual ao proprietario do contracto. Si além d'este embaraço ha o da

supressão das quotas que as loterias fornecem às instituições de caridade e beneficência, paguem-se pela mesma forma essas quotas. Tres ou quatro mil contos, assim gastos annualmente, seriam um sacrificio bem insignificante, deante dos innumeros beneficios que a extincção do mal produziria, quer material, quer moralmente. Do saldo referido poder-se-ia ainda deduzir a quantia precisa para instalar no Brasil o serviço das caixas e economicas postaes, outra medida simples, urgente e altamente productiva. Na França, na Inglaterra, na Belgica, na Italia e em outros paizes contam-se por milheiros as agencias do correio que funcionam como caixas economicas. Porque não faremos outro tanto, ao menos nas cidades e nos principais centros de população e colonização? A caixa económica destina-se a recolher economias ordinariamente insignificantes, mas que, mesmo por serem insignificantes, facilmente se extraviam ou se esgotam nos consumos de goso. A economia é um habito que se conquista à custa de privações e sacrificios; porém, de que valerá sacrificar-se um homem, situado no interior do paiz, si ele não encontrar quem guarde com segurança as suas economias e as faça multiplicarem-se? Contudo as caixas economicas disseminam-se

nadas pelo interior do Brasil desempenhariam missão mais importante. Installadas nas cidades e villas das zonas onde a lavoura é desenvolvida, recolheriam as somas que mensalmente economisam os colonos agricolas e que, por falta daquellas caixas, elles guardam hoje nas dobras do colchão, ou em um cinturão de couro, ou em qualquer esconderijo, onde são conservadas, às vezes durante annos, sem nenhuma fructificação e desfalcando de numerario a circulação economica do paiz; um fazendeiro informou ao orador que só no Estado de São Paulo, as sommas assim economisadas e conservadas dormentes por cerca de um milhão de colonos agricolas, são calculadas em mais de cem mil contos de reis, e por si só este facto é bastante para mostrar que o meio circulante effectivo que possuímos é muitissimo inferior ao nominal. As estatisticas do Thesouro consideram em ser 686 mil contos, porém, levadas em conta todas as causas que arredam da circulação o numerario e o paralyam temporariamente, pôde-se affirmar que nem a quarta parte d'aquella somma se encontra ou se utiliza actualmente no gyro dos negocios.

Tratando-se de uma instituição já conhecida e experimentada em diversos paizes, a adaptação das caixas econo-

micas postaes no Brasil poderia ser i
niciada e mesmo ficar concluida em pou
cos mezes.

Outras medidas complementares pre-
tendia e precisava o orador indicar;
mas é tempo de concluir. Em todo caso,
as que acaba de mencionar seriam sufi-
cientes para fazer desaparecer em bre-
ve prazo os funestos efeitos da cala-
midade que nos afflige. E quando o ora-
dor pondera quanto é extensa e intensa
esta crise sem igual na historia patria,
quando considera que ella avassalou to
das as classes activas da Nação occa-
sionando prejuizos e lucros cessantes
avaliados em alguns milhares de contos
por dia, quando contempla a derrocada
da fortuna publica, que outra coisa não
é senão o conjuncto das fortunas parti-
culares, hoje geralmente arrastadas na
voragem; quando observa o commercio des
fallecido e a industria fechando as fa-
bricas, que para os proletarios não re-
presentam sómente o ganha pão, mas são
tambem uma verdadeira escola de costu-
mes; quando por sua profissão de indus-
trial, que o colloca em contacto com
as camadas menos favorecidas da popula-
ção, vê o operario implorar uma occupa-
ção, como si o salario fosse uma esmo-
la e como si o trabalho não fosse o
mais nobre e mais moralizador elemento
da sociedade, confessa que se confran-
ge sua alma de brasileiro. E é por is-

so que, sem esquecer a circumspecção que cumpre ao professor guardar falando no recinto da escola; sem faltar ao seu dever de patriotismo, ao contrario, agindo em nome d'elle, julga o orador chegado o momento de exigir-se dos poderes publicos toda sua attenção, toda a sollicitude e energia de acção, afim de conjurar esta crise angustiosa e clamar bem alto, repetindo as palavras do poeta:

"Accode e corre, pae, que se não
corres,
Póde ser que não aches quem soc
corres."

(Uma salva de palmas geral e prolongada acolhe as ultimas palavras do orador, que é abraçado e muito felicitado.)